

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



“BERGANTIM” / TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM TEATRO –

ESPECIALIZAÇÃO EM TEATRO E COMUNIDADE

Maria José Aleixo Nobre (M^a Luiz)

Amadora, maio de 2013

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



“BERGANTIM” / TRABALHO DE PROJETO

Maria José Aleixo Nobre (M^a Luiz)

Trabalho de Projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro, especialização em Teatro e Comunidade, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Armando Nascimento Rosa, Professor Adjunto da Escola Superior de Teatro e Cinema.

Amadora, maio de 2013

Agradecimentos:

Aos mais próximos;

Aos meus professores e colegas de mestrado;

A todos os que passaram a pertencer à minha Comunidade teatral,
com especial destaque para a equipa do CAO.

Bem hajam!!!

RESUMO

O encontro com a APDEV (Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais). A aproximação à associação e o conhecimento da mesma em diferentes momentos. A descoberta do grupo do CAO (Centro de Atividades Ocupacionais), especialmente do que tinham feito na área do teatro.

O que me levou a optar por um trabalho de projeto com esta associação, no âmbito de trabalho final de mestrado em Teatro e Comunidade. As valências que podia oferecer, as necessidades que o grupo almejava.

O conhecimento mutuo nas primeiras sessões de trabalho; as dificuldades iniciais. A minha colaboração num projeto antigo, que o grupo voltou a trazer para cena, foi uma mais-valia para o processo de trabalho pretendido. A dinâmica que se criou e as relações que se retiraram foram condicionantes chave para a sequência do trabalho, com o grupo de utentes do CAO.

Com aconteceu a escolha do tema para a apresentação teatral. O processo de construção. Percalços e surpresas no percurso de ensaios e produção do espetáculo. Ensaios técnicos em palco.

Estreia do **Bergantim**; toda a logística do dia da estreia. Segunda apresentação, meses mais tarde.

Considerações finais a partir das entrevistas feitas ao grupo. Reflexões individuais sobre o mais importante, para cada um dos elementos do grupo, neste processo de construção teatral.

Palavras-chave: Teatro e Comunidade; Bergantim; Deficiência visual; Teatro com deficientes visuais/cegos; APEDV (Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais); “Toc’Ópalco”;

ABSTRACT

The meeting with the APDEV (Association for the Promotion of Employment of Visually Impaired). The approach to the association and the knowledge of it at different times. The discovery of the CAO group (Occupational Activity Centre), especially what they had done in the area of theater.

What led me to choose a design work with this association, under the master degree final work on MA in Theater and Community. The valences that could offer the needs that the group craved.

The mutual knowledge on the first work sessions; initial difficulties. My collaboration in an old project, that the group returned to bring to the scene, was an added value to the process of intended work. The momentum created and elations that were withdrawn were key determinants for the sequence of work with the group of users of the CAO.

How the choice of the theme happened for the construction of theatrical presentation and how it was build. Mishaps and surprises in the course of testing and production of the show. Technical rehearsals on stage.

Premiere of *Brigantine*, all the logistic of the day of the premiere. Second presentation, months later.

Final thoughts from the group interviews. Reflections on the single most important elements for each group, in the construction play.

Keywords: Theatre and Community; *Brigantine*; Visual impairment; Theater with visually impaired/blind; APEDV (Association for the Promotion of Employment of Visually Impaired); “Toc’Ópalco”.

ÍNDICE

1. ACONTECEU...	7
2. APROXIMAÇÃO	8
Início	9
Mix-Infantil	10
3. E AGORA?	12
Fado	13
Folgo no exterior!	14
Um convite, novo percurso!	14
Paralelamente	15
Recomeço	16
4. O DIA!	18
5. POR FIM!	19
6. ANEXOS I - ÍNDICE	21
7. BIBLIOGRAFIA + FILMOGRAFIA	74
8. ANEXOS II – ÍNDICE	75
7. DVDS – DVD 1/2 (ANEXOS II) DVD 2/2 (BERGANTIM)	76

1. ACONTECEU ...

2008. Ao longo do ano letivo, fomos sendo alertados para a necessidade urgente de escolha de tema para o trabalho final.

Por duas vias diferentes tive conhecimento de um mesmo grupo e isso fez nascer, primeiro, alguma curiosidade e posteriormente acabou por ser a alavanca da opção.

Primeiro a Natália Vieira (amiga e colega de mestrado) sabendo da minha preferência por trabalhar com um grupo de adultos diferenciados, falou-me de uma experiência no M^a Matos com um grupo de invisuais, que lhe tinha sido relatada por uma das monitoras (Ana Bela Almeida).

Algum tempo depois a Prof^a M^a João Vicente, durante as suas aulas, apresentou-nos algumas propostas de possíveis trabalhos finais de mestrado, uma delas era com esse grupo que tinha estado no Workshop do M^a Matos. Tinham mostrado grande interesse em aprofundar a área teatral. Face a este interesse a Ana Bela contactou a Prof^a M^a João Vicente questionando-a sobre a pertinência de algum dos alunos finalistas da ESTC trabalhar com eles.

Foi significativo o facto de ter conhecimento do grupo através de duas vias diferentes. Entendi como sendo um chamamento especial para trabalhar com esta população.

Desde logo comecei a tentar entrar um pouco mais na especificidade da deficiência visual, estando mais atenta à programação artística ou cultural especial para deficientes visuais ou para pessoas não deficientes visuais mas que querem experienciar essa condicionante momentaneamente ou simplesmente sentir uma aproximação do que é ter em alerta máxima os outros sentidos sem o da visão estar tão operacional.

Passeios por um bairro típico de Lx com os olhos vendados. Refeições num restaurante “Bem-me-quer” feitas também com os olhos vendados. Um espetáculo no Coliseu dos Recreios, foram alguns dos momentos de observação e experiência que comecei a propor-me fazer. **(anexo A)**

A um nível mais académico, na unidade do Prof^o Paulo Raposo, Antropologia e Teatro, elaborei um trabalho escrito em que voltei a visionar o filme do Bando “Ensaio sobre o teatro”... e consultei o livro “E se eu fosse cego?”....

No encontro com Ana Bela Almeida, monitora de atividades expressivas no serviço educativo do teatro M^a Matos e também antiga aluna da ESTC, tive conhecimento do grande interesse por parte das monitoras e dos utentes da APEDV (Associação Promotora do Emprego de Deficientes Visuais) por atividades ligadas ao teatro e fiquei a conhecer a experiência que este grupo vivenciou na Oficina do M^a Matos:

A proposta partiu de um espaço cénico, que tiveram oportunidade de conhecer por descrição e percorrendo-o. Falaram-lhes de seguida das personagens que ali circulavam, depois, em contacto direto com os materiais e com as suas características, foi-lhes solicitado que imaginassem como seriam as personagens que poderiam viver

ali. A indução foi feita em grande parte por sugestão hipnótica. Todos eles tiveram oportunidade de falar sobre o que tinham imaginado.

A Ana Bela colocou-me em contacto com a instituição, concretamente com a Dr^a Filomena Costa (técnica de reabilitação e terapeuta ocupacional), telefonicamente entrámos em contacto e explicamos os nossos interesses numa futura parceria. Eu tinha um trabalho final de mestrado para executar, gostava que fosse com um público adulto e diferenciado. O grupo pretendia alguém ligado ao teatro que os pudesse acompanhar em diferentes valências da área teatral, dependendo dos projetos e dos interesses que cada um dos utentes viesse a desenvolver.

Alguns elementos do grupo estavam a preparar uma apresentação teatral, trabalho final de um Workshop que tinham tido com um voluntário na instituição. Fui convidada a assistir. Foi o primeiro contacto com o grupo. Assisti à apresentação mas não estabeleci contacto direto com ninguém. Estranhei o reduzido nº de pessoas na assistência e esse facto fez-me questionar sobre a importância para eles de terem público.

Meses mais tarde seria uma das nossas preocupações, assegurar que as apresentações tivessem público, não só os seus pares, como elementos de toda a comunidade.

Liguei à Dr^a Filomena no dia seguinte. Marcamos um encontro para depois das férias de verão. Em Setembro iria conhecê-la e ao grupo, falaríamos das nossas expectativas e avançaríamos com a proposta de trabalho.

2. APROXIMAÇÃO...

Em Setembro combinei, telefonicamente, um encontro com a Dr^a Filomena para conhecer as instalações da APEDV, os colaboradores habituais da instituição e o grupo do CAO (Centro de Atividades Ocupacionais); foi com este grupo, ou parte dele, que fui trabalhar.

No dia 22 reunimo-nos na sede da Instituição, em Chelas. Falámos um pouco da APEDV: como foi fundada, quais os seus objetivos, como é a sua organização e financiamento, quais as suas atividades e especificamente as atividades presentes do CAO.

No dia seguinte fui conhecer os elementos do grupo CAO, não só os utentes mas também as colaboradoras que trabalham diretamente com a Dr^a Filomena: a Ana e a Alzira.

Comecei por fazer uma breve autoapresentação, seguiram-se as suas apresentações e as expectativas que cada um tinha para esta oficina (gravei este momento em registo áudio e depois compilei esses elementos com outros que já tinha do pré-projecto e que me foram disponibilizados pela Dr^a Filomena. Nesta tabela consegue-se

visualizar fácil e rapidamente alguns interesses comuns, assim como características muito específicas de cada um deles. Este registo foi um ótimo auxiliar de trabalho que foi crescendo ao longo dos meses seguintes. **(anexo B)**

Depois das apresentações referi o planeamento previsto para a oficina de teatro: calendarização, estruturação das sessões e objetivos gerais da atividade, conforme o apresentado no plano de trabalho projeto **(anexo C)**. Realcei que este planeamento era um ponto de partida para podermos começar com uma certa estruturação mas que poderia ser sempre alterado por condicionantes do grupo ou da comunidade (comunidade aqui entendida como a junção da instituição com os parceiros envolvidos neste projeto e até as próprias famílias!). Sendo este trabalho de projeto esta adaptabilidade era parte do processo inerente ao desenrolar da oficina.

O início das sessões ficou marcado para meados de outubro e terminámos o encontro com uma visita guiada pelas instalações da APEVD. Quem me acompanhou foi a D. Paula, uma das utentes do CAO. Apresentou-me os funcionários, os professores e as valências das instalações.

INÍCIO

A primeira sessão só aconteceu a 20 de outubro. As seguintes três sessões serviram para conhecer e sondar a dinâmica do grupo.

Iniciávamos com exercícios de relaxamento e aquecimento, corporal e vocal, e as propostas que lancei partiram de objetos. Objeto indutor de memórias. Individualmente e em pares criaram pequenos diálogos entre objetos, fizeram pequenas improvisações manipulando-os. Num segundo momento, com objetos pessoais, as memórias afetivas começaram a marcar presença nos comentários e nos exercícios. Propus-lhes, que transpusessem o objeto escolhido para uma história tradicional, surgiram alguns relatos de histórias que eles conheciam. Esse domínio vinha de experiências anteriores em que trabalharam contos tradicionais. Havia algumas semanas tinham reatado os ensaios com esses contos tendo em vista uma possível apresentação na festa de Natal. Este episódio fez surgir o convite, por parte da Filomena, para os ajudar na preparação da apresentação. Ela já tinha falado com o grupo sobre essa hipótese e formalizou o pedido na sequência de uma reflexão que as duas fizemos sobre as sessões até àquele momento. As condições físicas do local eram um grande entrave para o desenrolar esperado das sessões (salão paroquial, gentilmente emprestado pela paróquia, porque na sede da APEVD não existia uma sala com condições e dimensões para o nº de elementos do grupo!) A sala tinha cadeiras e mesas que necessitavam de ser desviadas sempre que a utilizávamos, pois esse espaço era utilizado diariamente para atividades de catequese. A crescer a este entrave, que nos roubava muito tempo no início e no final das sessões, ainda o facto de o chão ser de tijoleira tornando a sala muito fria. Inviabilizava definitivamente alguns exercícios ou mesmo o simples facto de podermos andar descalços e trabalharmos, ou nos sentarmos descontraidamente no chão. Para um trabalho inicial de dinâmica de grupo em que se pretendia criar fundamentalmente um clima de

confiança, conhecimento individual de descontração e relaxamento, estas condicionantes físicas do espaço envolvente não ajudaram, antes pelo contrário, atrasaram a disponibilidade emocional e física que todos nós desejávamos ter nas sessões de trabalho.

MIX INFANTIL

O convite para continuar a preparar com eles o *Mix-infantil* (coletânea de contos!), chegou numa ótima ocasião. Como o trabalho já estava a decorrer a condição que coloquei foi a de ser fundamentalmente um observador exterior que iria dando a sua opinião quando solicitada. No entanto, acabei por participar também na apresentação manipulando objetos que sonorizavam alguns momentos. Plasticamente foi onde senti que necessitaram mais da minha opinião, não só ao nível das ideias como da capacidade de concretizá-las com os meios disponíveis (que eram quase nulos!). Deu-nos muito gozo descobrir soluções estilizadas e exequíveis para as diferentes personagens. Exemplos disso foram os casos do figurino do lobo em que as patas eram marcadas com luvas onde cosemos umas unhas de “fera” e o cachecol de pelo indicava o corpo peludo do animal. Os porquinhos com bonés coloridos de criança indicavam serem parte da mesma família, etc. Dramaturgicamente chegamos a consensos rapidamente, pois o grupo já estava a trabalhar neste evento há algum tempo e com o objetivo de fazer a apresentação na sede da APEVD, novidade em relação ao trabalho anterior era, e no meio destas diferentes histórias entrelaçadas, o sintetizar a forma e a cor simplificando visualmente a caracterização das diferentes personagens, e explorar o máximo possível os ambientes sonoros que as cenas comportariam.

Sugeri à Filomena que interrompêssemos as sessões que estavam programadas comigo e com eles e as substituíssemos pelos ensaios do *Mix-infanti*. Concentrar-nos-íamos num só “objeto”, para eles seria mais assertivo e para mim estaria dentro de um processo de construção teatral, o que era sem dúvida uma mais-valia tanto para o conhecimento do grupo que iria decorrendo no processo de ensaios, como do conhecimento deles em relação às minhas valências e à minha postura profissional no desenrolar das etapas de trabalho. Outra vantagem que retirámos desta opção foi o facto de podermos pensar na apresentação para o espaço do salão paroquial. Não estando lá com as sessões de teatro podíamos ensaiar também nesse espaço. Mas foi excelente conseguirmos um local com mais capacidade para público.

As sessões seguintes, até meados de dezembro, foram dedicadas a este percurso de trabalho. A preparação da apresentação extravasou o tempo das sessões comigo. Aí centrávamo-nos em fazer ensaios corridos, pois era o momento em que eu estava presente e manipulando diferentes objetos, sonorizava certas situações (**anexo D**). Assumi também o papel de “ponto”, tarefa imprescindível nos ensaios. Durante o resto da semana decoravam texto, preparavam adereços e figurinos. Principalmente o trabalho de decorar texto foi doloroso e extenso, para eles é sempre a zona de maior dificuldade. Uma das estratégias utilizadas, para apreensão do texto, foi a gravação e audição sistemática em gravadores individualizados. Mas no caso da Alice tivemos

que colocar uma estante com as letras das músicas para ela ir seguindo as suas canções. Esta estratégia tranquilizou-a bastante e ficou mais confiante.

A apresentação do *Mix-Infantil* foi acolhida efusivamente no dia da estreia. A APEDV em massa foi convidada a assistir e esteve presente, o público era constituído pelos utentes e ainda por familiares e amigos. Estiveram também presentes elementos de instituições comunitárias, da junta de freguesia e da paróquia. **(anexo E1)**

Os objetivos que a Filomena e eu tínhamos estabelecido para esta apresentação foram amplamente concretizados. **(anexo E2)**

- Criar um espetáculo diferente, a partir da junção de histórias já apresentadas por eles, mas agora com um elo musical, e também com condicionantes visuais e espaciais facilitadoras de itinerância.

A música foi o mais marcante. No narrar a história (a Alice fez isso cantando à maneira do fado de Coimbra!). O ambiente sonoro criado pelo Nuno (no órgão acompanhava as canções cantadas e introduzia sonoridades em algumas cenas). O Sr. Armindo com a sua harmónica fazia a transição de cenas. Os efeitos sonoros sublinhavam alguns picos na ação cénica e elementos sonoros muito específicos e concretos como o sopro do lobo, o bater na porta, ou até, o escorregar do lobo pela chaminé abaixo. Na estreia, no salão paroquial, fui eu que fiz os efeitos sonoros mas este era mais um dos elementos que poderia ser suprimido nas possíveis itinerâncias do espetáculo ou manipulado por outra pessoa que estivesse disponível.

Foi o caso na apresentação no Alto dos Moinhos no Seixal, algumas semanas depois da estreia em dezembro e em que não se utilizaram os efeitos sonoros. Nesse dia o grupo teve bastantes baixas, não havia alguém disponível para estar na mesa. **(anexo E3)**

Observando a área plástica: cenografia com elementos que são facilmente transportáveis e rápidos de serem improvisados, como é o caso dos bancos, dos elementos da floresta, árvores e/ou folhas; figurinos que funcionam com elementos estilizados e/ou estereótipo para cada uma das personagens. Em ambas as áreas cedo se fizeram opções que tinham presente a noção de que, caso surgisse a possibilidade de levar a apresentação a outros locais só com economia de meios e de custos isso seria viável!

Tal veio a concretizar-se em duas situações. Na mencionada anteriormente e algum tempo antes desse momento, no Centro de Dia da paróquia **(anexo E4)**. Aqui para um público muito heterogéneo e interessado e que em boa hora fez despoletar uma parceria que seria crucial e imprescindível para o trabalho que iríamos iniciar a seguir. Três utentes do centro de dia iriam participar no espetáculo seguinte fazendo parte do elenco.

Outro dos nossos objetivos era que este projeto pudesse ser:

-... um “trampolim” de aproximação entre mim e o grupo, pois tratando-se de uma dinâmica teatral e antecedendo um outro projeto na mesma área, poderia ser uma simulação de como eu me “posiciono” ou como eles estão “habitados a fazer”.

Neste projeto a minha participação foi na execução de efeitos sonoros (assinalados a verde no texto). Como estive presente nos ensaios acabei por participar na estruturação do espetáculo, principalmente em aspetos visuais, sugestões de figurinos e espaço cénico. Tentei não interferir muito, só quando era solicitada e sempre com muita cautela. Observadora convidada tinha medo de ser, ou de parecer “intrometida”!

Conseguiu-se despoletar o objetivo de aproximação entre mim e o grupo no contexto de construção de espetáculo o que se veio a revelar muito enriquecedor para o trabalho seguinte; em pouco tempo o mutuo conhecimento que se travou entre mim e o grupo foi essencial e condicionante para as dificuldades e especificidades que viriam a seguir.

Os momentos de convívio que se seguiram à apresentação, tanto o lanche, logo a seguir na sede da APEVD (**anexo E5a**), como o almoço de Natal no dia seguinte. Foram também *momentos* de reconhecimento, por parte dos seus pares, do seu trabalho. Esse reconhecimento dado através de uma palavra, de um sorriso, de um toque diferente, foi acontecendo intercalado com as diferentes atividades programadas: Karaoke, danças, sorteio de um bolo-rei, distribuição de postais de natal.

No almoço de Natal, estiveram só as pessoas do CAO e alguns convidados da Instituição, o ambiente tornou-se mais íntimo e no final houve discursos de todos os presentes, alguns deles bem inesperados, como foi o caso da Sara, que apesar das dificuldades em falar fez questão de também dizer umas “palavrinhas”. (**anexo E5b**)

Estes tempos de celebração, paralelos aos tempos de formação, foram tão ou mais importantes na aceitação e integração no Grupo; grupo de teatro e também o grupo associação (APEVD).

O facto de me sentir integrada foi facilitador do trabalho futuro, sem dúvida!

Seguiu-se uma pausa no trabalho, consequência do período de férias do Natal. Eu e a Filomena, combinamos que no regresso faríamos uma avaliação do trabalho com eles e depois avançaríamos com uma proposta concreta para o trabalho seguinte.

3. E AGORA?

Reunimos logo no início de janeiro e chegámos a uma constatação: a música e concretamente o Fado fascina-os. Esse será o ponto de partida para o trabalho seguinte. Como iríamos pegar no tema era agora a questão?

Iniciámos o encontro seguinte com o grupo fazendo uma avaliação/reflexão sobre o processo e a apresentação do **Mix-infantil (anexo F)**, apresentámos o tema para o trabalho seguinte. A ideia foi acolhida entusiasticamente e, no decorrer da conversa, aflorou o facto de cada um deles gostar em especial de determinados fados e alguns referirem personagens muito específicas de um quotidiano alfacinha, embora já

desaparecido, ainda vivo no imaginário coletivo, como por exemplo: a Júlia florista, a Rosinha dos limões, o Vasco estudante, etc.

Tínhamos conseguido o mote!

Paralelamente a este entusiasmo a Cristina (a mãe cabritinha do Mix-infantil!) punha em dúvida a sua continuidade no grupo. Às suas dúvidas e inseguranças só podíamos argumentar que a sua presença era imprescindível para o grupo mas a decisão final teria que partir sempre dela e não de mim ou da Filomena; mais, teria que ser ela a comunicar ao grupo o que decidisse. Esta argumentação visava compromete-la com a decisão que tomasse e fazê-la refletir sobre as consequências da sua opção. Ao fim de alguns dias decidiu ficar no grupo. Percebeu que era um elemento importante no conjunto e que a sua saída ou o facto de ficar era decisivo para o trabalho.

FADO

O trabalho de procura de letras de fados começou em diferentes frentes. Enquanto eu fui trazendo Cds a Filomena e o grupo foram escolhendo letras que fossem pequenas apresentações das personagens escolhidas por cada um deles. Esta seleção foi sendo construída lentamente ao longo de algumas semanas, em momentos que conseguiam arranjar entre as atividades semanais já calendarizadas. No nosso momento de teatro semanal íamos compilando as escolhas e fazendo alguns exercícios mais técnicos. Paralelamente construía-mos um perfil para cada personagem (**anexo G**), que advinha das letras das músicas escolhidas e também do que íamos descobrindo a partir de propostas de improvisação. Este trabalho foi sendo progressivo e sofrendo bastantes alterações. Foi a partir destas improvisações repetidas uma e outra vez que começámos a escrever cenas, estas seriam a base do texto final.

Este trabalho foi-lhes muito difícil, exigia que conseguissem grande abstração (**anexo H**). Era induzida uma situação entre duas personagens num determinado lugar. Uma das primeiras situações trabalhadas partiu da premissa que a Rita peixeira, no caminho da sua venda, encontrava o Vasco estudante, este esperava pela abertura da taberna da D. Júlia. Rapidamente se conseguiram meia dúzia de frases entre eles e esta cena seria uma das que fez parte do texto final.

Optamos por iniciar estes ensaios (de consolidação das personagens e de construção de texto a partir de improvisações) na sede da APEDV, pois o salão paroquial era muito frio e não tínhamos maneira de aquecer o espaço. Sabíamos que era uma situação temporária pois a sala onde estávamos era demasiado pequena, mas ia servindo enquanto trabalhávamos cena a cena. Foram momentos de grande entusiasmo. Durante dois meses conseguimos construir sete cenas com as diferentes personagens e elaborar um pequeno guião. Para algumas personagens foram-se trabalhando canções relacionadas com a sua história de vida e começamos a selecionar alguns objetos/adereços que ajudavam muito na construção dos ambientes. Por exemplo: a rede de pesca que o Chico era suposto estar a consertar foi dos primeiros adereços a surgir. A escolha dos adereços foi feita essencialmente por mim e pela Filomena e tivemos sempre a preocupação de utilizar o menor número possível

de objetos em cena evitando também comprá-los; apareceram essencialmente dos “acervos” pessoais e de amigos.

UM FOLGO NO EXTERIOR!

No início de fevereiro vão ao Museu do Fado, tomam contacto com versões mais antigas dos fados que foram escolhidos e que têm estado a ensaiar. Ficam a conhecer o Museu.

As manhãs, da segunda semana de fevereiro, são passadas no CEM (Centro de Estudos do Movimento), **(anexo I)**.

Este Workshop veio na altura certa. Aqui eles puderam fazer um trabalho de corpo com continuidade e com acompanhamento individual e sistemático, com profissionais da área do Corpo e Movimento, o que lhes trouxe grande segurança e descontração.

A atividade diária aconteceu, num espaço com condições para a prática destas atividades, com voluntários do CEM que os acompanhavam nos exercícios. Sem dúvida proporcionaram-se as condições ideais para este tipo de proposta com este grupo.

Nunca conseguiríamos fazer algo parecido no espaço disponível da paróquia. Nos ensaios seguintes notou-se uma grande disponibilidade física e mental para o trabalho de ensaio. Esta atitude contrastava com “uma impaciência crónica” por parte de certos elementos e que passou a ser mais controlada.

Paralelamente a este trabalho de construção de texto e de elaboração de um fio condutor da ação que ia surgindo, avançou-se com os figurinos das personagens. Esta necessidade apareceu porque se pensou aproveitar todas estas “figuras tipo” dos fados iniciais e utilizar o tema Fado no desfile de carnaval. Todos os anos o grupo do CAO participa no desfile organizado pela junta de freguesia onde se juntam as diferentes instituições da comunidade local. Este trabalho desenvolveu-se para além do tempo da oficina de teatro. Depois de muitas provas de roupa existiram ainda alguns ajustes, feitos pela Alzira e pela Ana. O resultado para eles foi muito gratificante, participaram com grande entusiasmo e animação muito em sintonia com o clima criado pelos funcionários da casa que os acompanharam **(anexo J)**.

Esta opção, por um lado, fez com que eles se envolvessem plasticamente mais, por outro, levou a que muitos dos funcionários da casa, que também participaram no desfile ficassem logo muito ligados ao evento que seria apresentado, meses mais tarde.

UM CONVITE, NOVO PERCURSO!

Depois do carnaval interrompemos os trabalhos em curso para ensaiarem o **Mix-Infantil**. Irão fazer uma apresentação no Jardim-de-infância da junta de freguesia e os utentes do Centro de Dia assistirão também.

Gostaram muito da apresentação e aconteceu o convite para alguns dos utentes do Centro de Dia participarem no espetáculo que estávamos a preparar. Semanas mais tarde, depois de resolvidas algumas formalidades, vieram juntar-se ao grupo.

Retomamos os ensaios. Surgiram grandes dificuldades: primeiro, não tínhamos os elementos todos, era necessário adequar sempre os ensaios em função de quem estava presente; depois o trabalho de texto teve que recomeçar quase do zero, o interregno das semanas anteriores tinha feito com que esquecessem quase por completo o texto. Retomaram o trabalho de decorar com a ajuda de texto gravado; os gravadores passaram a acompanhá-los para todo o lado.

A hipótese de fazermos a apresentação a 24 de julho, aniversário da APEVD, estava no nosso horizonte mas cada vez mais difícil de concretizar. No final de março conseguimos ter uma sessão com todos os elementos o que foi de grande importância; conseguimos fazer um ensaio correndo todas as cenas e houve um confronto direto com o entendimento e a necessidade de o grupo estar todo presente e cada qual se responsabilizar pela parte que lhe cabe para que o trabalho de todos possa avançar!

Até à vinda dos utentes do Centro de Dia, fomos avançando com o trabalho cena a cena e com bastantes exercícios de projeção e respiração intercalados com atividades de consolidação e apropriação do texto. A Filomena, durante a semana, ia continuando os mesmos ou outros exercícios. Havia semanas que pouco ou nada traziam de novo mas por vezes avançavam imenso. Como foi o caso da semana em que me comunicaram que já tinham escolhido o título da peça, **Bergantim**. A palavra, desconhecida para eles, surgiu na audição de um fado e foram pesquisar, houve um interesse e fascínio pela palavra e foi escolhida para título.

A meio de abril vieram duas Sr^{as}. do Centro de Dia, com a responsável do mesmo, assistir ao ensaio; agora já no salão paroquial pois tínhamos que treinar a ligação entre cenas e na sede não tínhamos espaço. Combinamos com Elas os dias e os horários de ensaios; a Filomena ficou de elaborar o texto para as cenas em que elas entram, serão “separadores”, cenas separadas das já em construção e que, juntamente com as zonas de pregões, funcionarão como ligação entre cenas. Elas farão de vendedeiras, quando se encontram alcovitam sobre a vida dos vizinhos.

PARALELAMENTE

Entretanto fui conhecer o Auditório Fernando Pessoa, que se situa no espaço da Flamenga, equipamento municipal da freguesia. O contacto formal e o pedido de utilização do auditório já tinham sido feitos e autorizados. Combinei com o Sr. Paulo Poiares, responsável técnico do espaço, uma visita técnica para ficar a conhecer o espaço e ver com ele se as nossas necessidades técnicas podem ser satisfeitas com as condições de que eles dispõem. Fiquei também com a indicação do calendário e horários disponíveis para a apresentação.

Para as nossas necessidades o auditório é um bom espaço (**anexo K**); não teremos uma equipa técnica para nos ajudar mas temos um técnico de luz (Sr. Álvaro) que nos pode auxiliar. Na maquinaria de cena pouca coisa necessitaremos, mas o Sr. Álvaro também nos prestará assistência. Em relação ao som serei eu a operar. Ficou logo combinado que antes da estreia teríamos que ter um ensaio geral e algum tempo antes um ensaio de reconhecimento do espaço para todo o grupo.

Final de abril, no último ensaio foram introduzidos mais alguns pregões, as músicas já todas gravadas foram colocadas nas cenas combinadas, as Srs.^a do Centro de Dia já leram algum do seu texto mas nesse dia tomamos uma decisão difícil: será impossível estreiar antes das férias, muito menos na data do aniversário da instituição. Temos a adaptação aos novos membros, o texto ainda não está decorado, falta muito ao nível das marcações e pouco tempo para fazer tudo isto; pois, em princípio, só estamos todos juntos uma vez por semana duas horas. A acrescentar a tudo isto, muitos elementos do grupo têm muitas condicionantes nas férias, visto dependerem muito das famílias. Alguns vão deixar de vir logo em julho e outros só regressarão em outubro. Este facto condicionou também a impossibilidade de irem ao Festival das Expressões em Évora com o *Mix-Infantil* no final de Setembro, pois alguns elementos só regressarão em outubro. Estávamos com grande expectativa nesta possível digressão, para eles seria uma experiência muito importante e muito diferente por ser um festival e longe das suas casas. Infelizmente não foi possível concretizá-la.

Resumindo, maio e junho serviram para consolidar e acabar a ligação entre as diferentes cenas. Sempre que tínhamos o grupo todo e houve dias em que isso não aconteceu, fomos ensaiar no salão paroquial pois a largura da sala é mais aproximada ao espaço do auditório e ali podemos fazer as cenas já com bastante amplitude (**anexo L**).

No final de junho parámos as sessões, era já impossível ter todos os elementos. Eu e a Filomena fizemos um levantamento do que estava concluído e do que faltava. O espetáculo estava todo marcado, tínhamos os figurinos e adereços escolhidos, mesmo nas cenas de ligação. Faltavam os elementos de cenografia que teriam que ser testados no palco do auditório. Sabíamos que no final de setembro, quando retomássemos os ensaios, iria ser um período muito trabalhoso de reaprendizagem de tudo o que tinha sido marcado e que, de certeza, em grande parte estaria esquecido.

RECOMEÇO!

Final de setembro, regressámos e como esperado, ainda sem todo o grupo. Começámos lentamente relembrando aos poucos todos os pormenores. Tentando não esmorecer com a “desaprendizagem”. Só em outubro os ensaios corridos, com todos os elementos, foram uma realidade.

Queríamos que a apresentação fosse numa data importante do calendário de eventos e comemorações da instituição, para que tivesse visibilidade por parte de todos os utentes da casa. A festa de Natal foi a data escolhida. Teríamos agora que ver da

disponibilidade do auditório. 17 de dezembro foi a data possível (na quadra natalícia existem muitas solicitações) e ficou marcada.

Durante o mês de outubro a peça **Bergantim** ficou totalmente marcada e fechámos a construção de texto depois da vinda do srº Lourenço (**anexo M**), utente do Centro de Dia, também invisual, que se juntou definitivamente ao grupo com grande entusiasmo (só tinha vindo duas vezes antes das férias do verão!). Terá uma participação breve, dizendo apenas uns pregões mas estará sempre em cena, faz de “amola-tesouras”. Ele e a Sara contracenam, intercalando os pregões.

Entretanto um problema de saúde faz com que tenha que ser operada em data breve. Será no final de novembro! Tal ocorrência condicionará a minha presença nos ensaios, da operação à estreia, pois estarei um mês de convalescença. Organizámos todos os pormenores antes daquela data, o mês de novembro foi de bastantes solicitações.

Do ponto de vista gráfico, tivemos que avançar rapidamente com os convites e os bilhetes. A imagem gráfica foi elaborada por uma amiga, Susana Nogueira, que trabalha em design gráfico e que nos ajudou. Fiz uma pesquisa de imagens de Lisboa antiga e escolhemos uma para utilizar projetada em palco, o objetivo era prolongar o horizonte mas deixando o ambiente de ruelas no ar. (**anexo N**)

Surgiu nesta altura a vontade do grupo se identificar especificamente como grupo de teatro com um nome que os diferenciasse. “*Toc’palco*” foi o nome eleito.

Conseguimos fazer dois ensaios no espaço da “Flamenga” (Auditório Fernando Pessa), onde iríamos fazer a apresentação! No 2º dia levámos alguns figurinos e os elementos cenográficos que tínhamos idealizado e testamo-los com a luz disponível, que não irá ser muito diferente da que estava disponível nessa altura. Os projetores não são muitos e terão sempre a condicionante de estarem a ser utilizados até à véspera noutros eventos da comunidade (**anexos O**). Combinei com o srº Álvaro as possibilidades existentes e fui fazendo com ele o plano de luz. Em palco analisámos as necessidades técnicas: operar varras para suspender dois elementos cenográficos, porta da taberna e parede de casa; projeção de imagem no ecrã (data show terá que vir da APEVD); abertura e fecho de cortina.

Muito importante este contacto com o espaço/palco, alguns deles já aqui tinham feito apresentações mas com movimentações bem diferentes. Acompanharam todas as decisões técnicas na área do palco, novidade bastante apreciada!

Ficou decidido que iríamos colocar uma linha de fita de papel no chão, para aqueles que tem ainda alguma visão, condicionarem a zona limite até onde poderão ir. Esta demarcação tranquilizou-os. Testámos todas as marcações, fomos avançando e parando quando havia necessidade pois era importante ficarem seguros das movimentações que teriam que fazer, não iríamos ter mais nenhuma oportunidade de vir novamente ao espaço antes do ensaio geral que seria na manhã da estreia (**anexo P**). Até lá o espaço e a disponibilidade do srº Álvaro não eram coincidentes com as do grupo.

4. ...O DIA!!!

Finalmente o dia da apresentação chegou. De manhã encontramos-nos na sede da APDVE, os materiais já estavam organizados e preparados para serem transportados na carrinha. Colocamos tudo nos carros e organizamo-nos para partirmos rumo ao auditório (viagem rápida de carro, aproximadamente 10 minutos). Todos foram muito atenciosos e cuidadosos comigo (estava em convalescença da operação!), não me deixavam abusar, fisicamente, nas tarefas, era a primeira vez que estava fora de casa durante tanto tempo e sabia que não poderia fazer esforços físicos, mesmo os pequenos movimentos eram bastante pausados, devido ao meu estado debilitado.

Chegados ao auditório descarregamos os objetos cenográficos e os outros materiais para cena (como figurinos, equipamento audiovisual, etc.), a prioridade foi colocar tudo em palco para podermos avançar com o ensaio! O planeado era fazer ensaio corrido. As questões técnicas de luz e som foram sendo acertados comigo e com o Sr. Álvaro. Fizemos uma passagem técnica por todos os pormenores que tínhamos combinado, não conseguimos que fosse ensaio corrido!

Fomos almoçar pelas 12h para pudermos regressar às 14h e assim, com bastante tempo prepararmo-nos para a apresentação que se iniciaria às 15h. No geral pareceu-me que estavam calmos, as imagens gravadas antes do espetáculo são indicadores disso (**dvd 2/2, capítulos 1,2,3 e 4**); o público compareceu maciçamente: utentes da APDEV e do Centro de Dia, amigos e familiares dos elementos do grupo, ainda representantes das instituições relacionadas com o projeto: junta de freguesia, paróquia, Santa Casa.

O início foi atrasado um pouco, tivemos que esperar pelos utentes do Centro de Dia que não conseguiram vir todos de uma só vez na carrinha da instituição. Valeu a espera, tínhamos a sala cheia!

Em cena estavam já três personagens: O Chico Pescador e o “Amola tesouras” no proscénio, simulavam executar algumas das suas tarefas profissionais; a Rita peixeira aguardava atrás na sala a sua deixa para começar a apregoar! O público entrava devagar, ao ritmo das suas possibilidades; eu na cabine técnica (atrás na sala!), mais nervosa do que imaginei ficar! Por fim o público ficou todo sentado, a música de fundo foi baixando lentamente, as luzes da sala apagaram-se e começámos!... (**dvd 2/2, capítulo 5-em palco**)

Como em todos os espetáculos existiram desfasamentos maiores ou menores em relação aquilo que tínhamos planeado, e neste caso não foi diferente: (**anexo Q**)

- As improvisações da parte deles surpreenderam-nos. Algumas vezes consequência de “brancas” ou atrapalhações, outras despoletadas pela desconcentração que advinha do fascínio e novidade que foi a reação do público que aderiu contagiadamente ao que diziam e faziam. Em alguns casos as improvisações puxaram ao aplauso ou ao riso!

A adesão e os momentos em que o público reagiu foram no geral uma situação inesperada para nós. Entre cenas batiam palmas. Uma associação, julgámos nós, aos quadros de revista. Para eles foram momentos inesperadamente grandiosos, mostraram enorme capacidade de adaptação e de empatia.

- Em relação ao público percebemos, mesmo durante o espetáculo, que as entradas das músicas estavam num nível sonoro muito alto. Impossibilitando os espectadores de terem uma boa audição dos inícios de todas as cenas. Tínhamos marcado as deixas das personagens relacionadas com momentos sonoros, mas aqui, com a sala cheia e derivado ao facto de não haver colunas no palco, só na plateia, esta estratégia dificultou a audição ao público. Os atores não se aperceberam do sucedido, mas se voltarmos a apresentar o espetáculo nesta sala temos que combinar outra estratégia com eles.

O grupo ficou muito contente com a sua prestação, também com o facto de termos tido “casa cheia” e muito entusiasmada com a apresentação. Ficou logo a vontade de voltar aqui ou a outro espaço para fazer outras apresentações.

Aconteceu! Alguns meses mais tarde, voltámos a fazer uma apresentação, em maio do ano seguinte (**anexo R**).

5.POR FIM!

A reflexão sobre o percurso percorrido foi feita com eles, antes da apresentação final, para que não houvesse uma “colagem” a esse dia tão marcante.

Em conjunto tentaram recordar o encadeamento do processo de construção que levou à apresentação final. Foi difícil o arranque inicial, depois da explicação do pretendido, só com bastante ajuda conseguiram delinear um fio condutor a partir de lembranças que surgiram muito dispersas no tempo e nos conteúdos.

Era pretendido neste encontro meio informal, que foi gravado, convocar uma memória coletiva de grupo, que auxiliasse cada um deles a lembrar e escolher o que de mais significativo, no processo de trabalho, experienciaram.

Houve necessidade de intervir para ir religando cronologicamente os factos relatados e ao mesmo tempo questionando um pouco mais sobre os momentos que estavam a ser descritos.

Foram descontraindo e lentamente as intervenções ficaram mais fluentes e concretas. Iam surgindo reflexões que se mostravam transversais ao grupo, como a conclusão de que todo o processo tinha trazido um conhecimento extra que adveio da investigação e das descobertas que fomos fazendo sobre o tema da peça. Também de que grande parte das outras atividades que iam elaborando no CAO eram direcionadas para o tema e isso criou uma motivação e coesão enormes no grupo.

Alguns elementos abordaram aspetos que consideraram importantes no seu posicionamento no grupo e no crescimento das suas aquisições técnicas; foram os

casos da Maria Paula e da Alice que referiram as aprendizagens técnicas da área de teatro e os processos metodológicos adotados neste percurso, como fatores que as cativaram e no caso da Alice, como fatores de integração na instituição e mesmo de superação dos seus “limites”; concretizou com o exemplo de ter conseguido decorar o seu texto, algo que considerava impossível no começo dos trabalhos. Referiu também a passagem no CEM como momento de viragem no trabalho da sua personagem (Rita peixeira), despoletando um à vontade desconhecido até essa altura.

Outros momentos referidos por vários elementos do grupo e com entusiasmo na descrição das lembranças foram, o desfile de carnaval, a visita ao museu do fado, as saídas para representarem em vários locais e estes momentos em que o trabalho que fizeram é reconhecido e apreciado pelos diferentes públicos é nas palavras do srº Jerónimo “um grande estímulo!” Mais adiante, na conversa, comenta que independente do que venha ainda a seguir, está seguro de que está a fazer um bom trabalho, sente-se seguro. Partilha o facto de este percurso o ter feito sentir-se melhor consigo, mais realizado. Fala de algo muito positivo, como menciona, da parceria com os elementos do Centro de Dia. Acha que se integraram muito bem, adaptando-se sem preconceitos; enfrentaram e transpuseram as dificuldades iniciais.

Em contraponto a estas recordações que quase todos eles mencionam com entusiasmo e que maioritariamente aconteceram no exterior da instituição, temos um outro grupo de memórias que só apareceram muito a custo e induzidas. Reportam mais a um quotidiano metodológico de construção do espetáculo; foram o caso do início de construção de cenas, em que partimos muito de exercícios de improvisação e do trabalho de decorar texto em que a pares foram utilizadas diferentes estratégias segundo as necessidades dos elementos. Por exemplo no caso da Alice e do Zé Maria, iam ditando e escrevendo até passarem para a fase do texto gravado e ouvido depois ao longo do dia através de auscultadores.

Observando transversalmente estes comentários/reflexões fico contente porque estes vinculam-se aos objetivos que me tinha proposto no início do projeto.

“Promover um tempo e espaço de trabalho que seja antes de tudo segurizante para eles; encarando as suas limitações, construir com eles um enredo de experiências novas, que enriquecerão as suas vivências pessoais e de grupo, mas que façam crescer a sua autoestima e as suas autonomias.

Desenvolver um trabalho de sensibilização na área do Teatro e que paralelamente possa-mos construir algo para apresentação aos que nos apoiaram neste percurso.” (anexo C’, pág.)

Mais, acrescem a estes vínculos a sensação de que a coesão de grupo ficou mais forte e ficou irremediavelmente refém “...destas coisas do teatro”!

6. ANEXOS I - ÍNDICE

- **ANEXO B´** - QUADRO SINTÉTICO / CARATERISTICAS DO GRUPO
- **ANEXO C´** - PLANO - TRABALHO DE PROJETO
- **ANEXO D´** - MIX-INFANTIL / TEXTO
- **ANEXO G´** - PERSONAGENS / PERFIL
- **ANEXO K´** - PLANTA / AUDITÓRIO FERNANDO PESSA
- **ANEXO M´** - BERGANTIM / TEXTO
- **ANEXO N´** - CARTAZ / CONVITE / BILHETE

(´) – Anexos em formato papel.

ANEXO B'

QUADRO SINTÉTICO – GRUPO DE TEATRO (Características dos seus elementos)

NOME	DADOS PESSOAIS	OFICINA DE TEATRO
<u>Armindo Amaral</u> 67 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade visual: NULA; cegueira congénita. - Viúvo há pouco tempo; reformado da Fundação Raquel e Martin Sain. - Está na APEDV desde o início de 2008; veio por iniciativa própria, para estar mais distraído. 	<ul style="list-style-type: none"> - Toca harmónica. (dantes tocava regularmente nos passeios da Associação Luís Braille ACAP). - Está na expectativa do que irá acontecer!
<u>Marco Paulo Viana</u> 29 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade visual: Vê com alguma definição, embora tenha visão lateral. - Sequelas de encefalopatia; atraso cognitivo ligeiro; agnosia visual; epilepsia. - É em informática que se sente mais confiante; ajuda muito os colegas que têm menos conhecimentos na área.(c/ o prof. João Braga). - Já está á uns anos no CAO. - Tarefas manuais no CAO: Lava os talheres e organiza p/ a próxima refeição. 	<ul style="list-style-type: none"> - É muito entusiástico em relação às atividades ligadas ao teatro; participou nas anteriores. - No mix-infantil fez de lobo mau; personagem que pode ser vista como a protagonista da “peça”; manteve-se firme no seu “papel”.
<u>José Carlos Rodrigues</u> 41 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade visual: vê algumas formas mas sem grande definição; luzes, cores. - A sua cegueira é de nascença não tendo sido diagnosticado a causa. - Faz três vezes por semana hemodiálise. - É na área da informática que se sente mais confiante; ajuda os colegas que tem mais dificuldades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Devido aos seus problemas de saúde e aos condicionantes do facto de fazer hemodiálise três vezes por semana, raramente consegue participar nas actividades do CAO.
<u>Alice Carvalho</u> 62 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade visual: vê bastante apresentando apenas dificuldades na visão lateral. - Retinopatia pigmentar e tratamentos de quimioterapia. - Perde de visão na sequência de tratamento oncológico. - Tem visão parcial; ajuda muito os outros em questões de mobilidade. - Doméstica; vive com um filho que tem muitos 	<ul style="list-style-type: none"> - Gosta mais de ver teatro do que fazer; grande dificuldade em memorizar. - No mix-infantil teve grande dificuldade em memorizar; utilizou-se uma estante de musica para colocar as letras das canções e assim superou a grande ansiedade de não

	<p>problemas de saúde a nível psico-emocional.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Está na APEDV para fugir ao ambiente familiar; aconselhamento médico; à poucos meses. - Trabalho manual no CAO: Bonecos (rodela em pano; Barro) 	<p>conseguir decorar os textos.</p>
<p><u>Sara Sofia Soares</u> 27 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidades visuais: vê bastante. - Rubéola da mãe aos 6 meses de gravidez. - Grandes dificuldades de comunicação verbal (dicção) e de concentração; não sabe ler nem escrever. - Tem a seu cargo tarefas de limpeza e arrumação, na APEDV. - Nas actividades do CAO, executa actividades manuais, preferencialmente no tear. - Mora perto da APEDV. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participou pela primeira vez numa apresentação no mix-infantil; fez de um dos três porquinhos, embora não tivesse quase falas esteve presente em cena.
<p><u>Mª Paula Viegas</u> 69 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade visual: visão muito reduzida, 5 % (vê vultos). - Tem vindo a cegar devido a retinopatia pigmentar (hereditário); tem insuficiência cardíaca no ventrículo esquerdo. - Dedicar-se à cerâmica nas actividades do CAO; expõe regularmente em diferentes feiras. - Ajuda muito os outros elementos do grupo (tem o papel de matriarca do grupo!) - Mora em Xabregas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gosta especialmente de cantar; a sua dificuldade é ao nível da memória. - gosta especialmente de temas do quotidiano. - Em relação ao Mix-infantil ficou muito contente por ter conseguido decorar (consegui-o superar-se!); gostou muito da apresentação.
<p><u>Maria Cristina Matos</u> 39 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade visual: nula - Cegueira congénita e cataratas. Foi operada á fenda palatina o que veio trazer sequelas a nível cognitivo. - Esteve no Hellen Keller. - Das actividades do CAO a sua preferida é informática. - Mora em Chelas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gosta de cantar. - Gosta muito de teatro; das experiências anteriores diz que a maior dificuldade é ficar muito nervosa! - No Mix-infantil fez de mãe cabra.

<p><u>Rui Cardoso</u></p> <p>34 anos</p>	<p>- Capacidade visual: vê sombras, cores, luzes e vultos.</p> <p>- Varicela da mãe ao 6º mês de gravidez;</p> <p>- Uma encefalite aos 3 anos; ficou com sequelas ao nível do desenvolvimento geral, quer cognitivo quer funcional.</p> <p>- Possui “Memória Calendário”.</p> <p>- Quer fazer a formação na área da informática, para isso está a tentar completar o 9º ano de escolaridade.</p> <p>- É nesta área que se sente mais confiante; ajuda muito os colegas que têm menos conhecimentos na área.</p>	<p>- Gosta de cantar.</p> <p>- Das experiências anteriores gostou de fazer personagens.</p>
<p><u>José Maria Oliveira</u></p> <p>36 anos</p>	<p>- Capacidade visual: vê sombras, vultos com alguma definição, cores, luzes.</p> <p>- Esteve demasiado tempo na incubadora o que provocou danos irreversíveis.</p>	
<p><u>Jerónimo Lavado</u></p> <p>67 anos</p>	<p>- capacidade visual : nula.</p> <p>- Cegou com 60 anos devido à diabetes.</p> <p>- Fez um by-passe aos 49 anos.</p>	

ANEXO C'

Mestrado em Teatro e Comunidade

Unidade Curricular

Seminário de Orientação I

- Plano / Trabalho de Projeto -

Orientadores:

Profª Sara Bahia

Profº Armando Nascimento Rosa

Discente:

Maria José Aleixo Nobre

2º Ano – Semestre III

2008/09

Identificação

Entidade

A Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais, à frente designada por APEDV (anexo A).

Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

Nasceu em 1980 com o intuito de ajudar os deficientes visuais; tem neste momento três áreas de atuação; Formação Profissional, Apoio Ocupacional e Unidade de Apoio.

Grupo

Centro de Atividades Ocupacionais, à frente designada por CAO (anexo B).

“É uma estrutura vocacionada para o atendimento a jovens e adultos com deficiência visual e/ou multideficiência com alto nível de dependência ou idade avançada. O Centro dá resposta a cerca de 16 utentes que pelas suas características, se veem impossibilitados de uma integração em estruturas de trabalho com exigência de produtividade. Promovemos atividades diversificadas em diferentes áreas de intervenção sociocultural bem como apoio específico na área de psicologia e serviço social. A implementação das atividades tem como princípio, a prespetiva de que qualquer ser humano deve ser visto de uma forma global e assim, tem direito à realização de atividades que promovam o seu bem-estar biopsicossocial.”

O grupo, concreto, é formado por 10 elementos (6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino!). Lista com foto e algumas características, fornecida pela terapeuta, Filomena Costa – Técnica de Reabilitação -- (anexo C). A Filomena é a terapeuta ocupacional do grupo, trabalha com eles todos os dias da semana, é ela a responsável pelas atividades ocupacionais do CAO, vai ser a grande cúmplice neste projeto.

O grupo formou-se pela adesão à proposta feita pela terapeuta, Filomena, de frequentarem um ateliê de Teatro e pela possibilidade de horário de estarem presentes nas mesmas.

Contextualização

Este grupo, na sua maioria, trabalha junto já há alguns anos. Na área do Teatro já tiveram algumas experiências; as duas mais recentes foram, a representação de um “*Mix-infantil*” (uma compilação de histórias Infantis) e o ano passado uma apresentação sobre a obra e vida de alguns escritores portugueses, trabalho que foi o culminar de alguns meses de trabalho. Esta última com a orientação de uma pessoa exterior à instituição, a anterior sob a liderança da terapeuta Filomena.

As motivações dos elementos do grupo são variadas, passam pelo facto de estarem só recetivos às atividades disponíveis, como pelo facto de gostarem de cantar e este ser o local aonde podem utilizar essa ferramenta (e outras, conforme entrevista realizada para levantamento das expectativas pessoais, de cada um deles!).

Duração e Recursos

Projeto a desenvolver em sessões de 2 horas, uma vez por semana; 2^{as} feiras, das 9 às 11 horas.

Sempre que se ache necessário e que a minha disponibilidade permita as sessões podem estender-se por outros dias e horários. Início em Outubro, a terminar em Março/Abril.

Sempre que possível as outras atividades semanais terão ligação e/ou continuidade com as propostas feitas na Oficina, durante os períodos que se determine.

O trabalho decorrerá nas instalações da APDVE ou na sala disponibilizada pelo salão paroquial. Possivelmente a apresentação final, do trabalho / espetáculo a construir, será feita no auditório

Sempre que se ache pertinente e que seja viável, serão efetuadas visitas no exterior da instituição.

Os recursos disponíveis serão os da própria instituição ou outros que eu e os profissionais da instituição possamos disponibilizar.

Objetivos

Promover um tempo e espaço de trabalho que seja antes de tudo segurizante para eles; encarando as suas limitações, construir com eles um enredo de experiências novas, que enriquecerão as suas vivências pessoais e de grupo, mas que façam crescer a sua autoestima e as suas autonomias.

Desenvolver um trabalho de sensibilização na área do Teatro e que paralelamente possa-mos construir algo para apresentação aos que nos apoiaram neste percurso.

Atividades a Realizar

Sessões semanais; que serão a estrutura principal da Oficina de Teatro.

Sempre que seja pertinente, extravasar os temas a trabalhar para as outras tarefas no resto da semana no espaço do CAO; pesquisas, resumos em Braille, provas de roupa, etc.

Colaboração dentro das especificidades do teatro (que acaba por ser bastante eclético!), em momentos/eventos organizados pelo CAO.

Preparação e apresentação de um produto elaborado pelo grupo e indo ao encontro das suas expectativas e necessidades.

Apoio Logístico e Financeiro

- APEDV
- Instituto Nacional para a Reabilitação
- Centro Social Paroquial São Maximiliano Kolbe
- ESTC
- Familiares

Calendarização

Mês	Atividades
Setembro Outubro	Contacto inicial com a instituição e com o grupo, conhecimento do mesmo através de entrevista e dinâmicas de grupo.
Novembro	Sessões de coesão de grupo, trabalho específico de corpo.
Dezembro	Continuação do trabalho; Improvisações.
Janeiro	Balanço do trabalho feito até à data. Delinear de um trabalho específico para apresentação.
Fevereiro	Ensaios.
Março	Ensaios finais; apresentação final. Avaliação final do processo, por todo o grupo.

ANEXOS

ANEXO A

Folheto informativo da APEDV

FONTES DE RECEITA

A APEDV não possui fontes de rendimento próprias, todas as actividades, para além da Formação Profissional e das Actividades Ocupacionais, só são possíveis devido à angariação de DONATIVOS de entidades particulares e privadas que permitem tornar realidade o que muitas vezes não passa de um simples sonho.

“Ser diferente
não é estar à parte”

Precisamos de ajuda
para poder ajudar!

Ajude-nos a concretizar sonhos!

CONTACTE-NOS

APEDV
Av. João Paulo II, Lt. 5.25 - 1º
Bairro do Condado
1950-159 Lisboa
Telefs. 21 831 07 60 - 93 831 07 62 - 96 808 00 00
www.apedv.org.pt
info@apedv.org.pt
Autocarros 49, 755, 759, 793
Metro Chelas ou Bela Vista

SABIA QUE...

...os donativos concedidos à APEDV podem ser deduzidos em sede de IRS ou IRC à taxa de 140%, ao abrigo da Lei do Mecanato, nos termos do Decreto-Lei N.º 74/99, artº 2º - IRC e Cap II artº 5º - IRS (a APEDV é reconhecida como Instituição Particular de Solidariedade Social de Superior Interesse Social - Pessoa colectiva de utilidade pública - em conformidade com a Legislação do Mecanato Social).
NIB 0010 0000 14352370003 04

...é possível, sem qualquer agravamento para o seu imposto, fazer reverter para a APEDV (como IPSS), 0,5% do seu IRS. (Lei n.º 16/2001 de 22 de Junho - Artº 32º, n.º 6).

Para isso, basta que, ao preencher a sua Declaração de IRS, indique o nosso nome - APEDV - e o nosso NIPC - 501 097 643 - no campo reservado para o efeito, e 0,5% do seu imposto liquidado será destinado pelo Estado à nossa Instituição, sem quaisquer agravamentos para o seu imposto.

...existem incentivos para as empresas que contratam pessoas portadoras de deficiência (Prémio de Integração; Subsidio de Acolhimento Personalizado na Empresa; Subsidio para Eliminação de Barreiras Arquitectónicas; Subsidio para Adaptação de Posto de Trabalho; Subsidio de Compensação). Contacte a nossa equipa técnica ou o Centro de Emprego da sua zona.

...temos uma equipa de técnicos à sua disposição:

- ✗ Direcção
- ✗ Coordenador da Formação Profissional
- ✗ Coordenador do Centro Actividades Ocupacionais
- ✗ Psicólogo
- ✗ Técnica de Serviço Social
- ✗ Técnico de Mobilidade
- ✗ Técnico de Braille
- ✗ Formadores



APEDV

ASSOCIAÇÃO DE
PROMOTORA DE
EMPREGO DE
DEFICIENTES
VISUAIS

CENTRO DE
FORMAÇÃO
PROFISSIONAL

CENTRO
ACTIVIDADES
OCUPACIONAIS

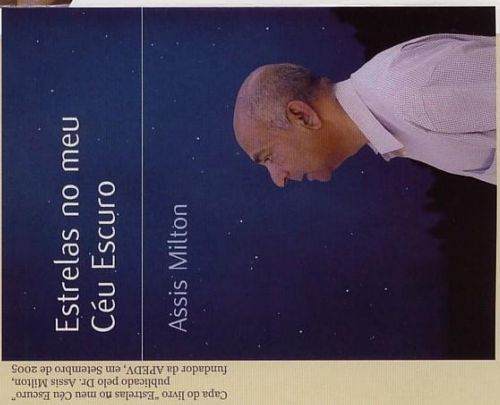
UNIDADE
DE APOIO

A APEDV é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos, reconhecida como Pessoa Colectiva de Utilidade Pública.

Nasceu no dia 24 de Julho de 1980, com o intuito de ajudar os deficientes visuais em tudo o que for necessário, possível e desejável, por iniciativa e empenho do Dr. Assis Milton, também ele deficiente visual.

Inicialmente na sua própria casa, na Charneca do Lumiar, passando pela Caritas Nacional, em 1984, a APEDV conseguiu obter da Câmara Municipal de Lisboa o espaço que viria a ser a sua sede, em Chelas. Possui cerca de 1000 m² de superfície, distribuídos por três pisos no qual desenvolve todas as suas actividades.

São basicamente três as áreas de intervenção: Formação Profissional, Apoio Ocupacional e uma Unidade de Apoio.



Estrelas no meu Céu Escuro

Assis Milton

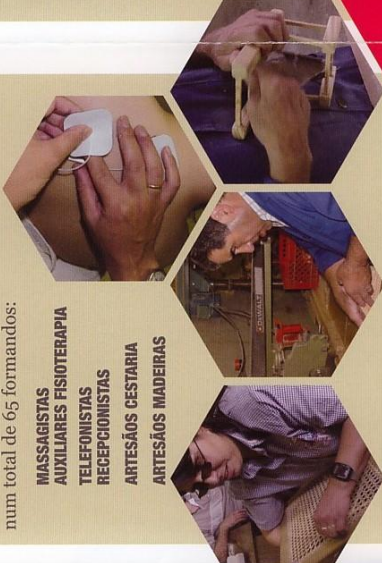
Capa do livro "Estrelas no meu Céu Escuro" publicado pelo Dr. Assis Milton, fundador da APEDV, em Setembro de 2005.

CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

A APEDV tem como missão formar pessoas portadoras de deficiência visual (cegos/ambliopes) com vista à

integração no Mercado Normal de Trabalho, em articulação com os Centros de Emprego ou com vista à Instalação por Conta Própria. Presentemente encontram-se a decorrer quatro cursos de formação profissional, num total de 65 formandos:

- MASSAGISTAS
- AUXILIARES FISIOTERAPIA
- TELEFONISTAS
- RECEPCIONISTAS
- ARTESÃOS CESTARIA
- ARTESÃOS MADEIRAS



Tendo em conta o público-alvo específico a equipa técnica e formativa valoriza:

- Desenvolvimento pessoal e intelectual
- Aquisição de competências profissionais
- Integração sócio-profissional e acompanhamento

Os cursos têm a duração máxima de três anos com a possibilidade de último ser um estágio em contexto real de trabalho. O estágio final, para além de um lugar de formação em posto de trabalho e de aquisição de maturidade profissional, é também uma perspectiva de emprego.

O apoio que prestamos à contratação é partilhado, na defesa dos interesses do formando e da empresa contratante.

CAO CENTRO DE ACTIVIDADES OCUPACIONAIS

É uma estrutura vocacionada para o atendimento a jovens e adultos com deficiência visual e/ou multideficiência com alto nível de dependência ou idade

avanzada. O Centro dá resposta a cerca de 16 utentes que, pelas suas características, se vêem impossibilitados de uma integração em estruturas de trabalho com exigência de produtividade. Promovemos actividades diversificadas em diferentes áreas de intervenção sócio-cultural bem como apoio específico na área de psicologia e serviço social. A implementação das actividades tem como princípio, a perspectiva de que qualquer ser humano deve ser visto de uma forma global e assim, tem direito à realização de actividades que promovam o seu bem estar biopsico-social.

UNIDADE DE APOIO

É uma estrutura vocacionada para a

criação e dinamização de respostas que, de forma complementar, apoiem as pessoas com deficiência visual particularmente nas áreas de formação específica (cursos individualizados); empréstimo ou mesmo dádiva de equipamento;

aconselhamento, encaminhamento ou ainda outro tipo de apoio, dentro da sua especificidade e possibilidade.

A APEDV, tem como missão o desenvolvimento de acções facilitadoras da integração social ou adaptação ao posto de trabalho para pessoas portadoras de deficiência visual.

ANEXO B

Folheto informativo do CAO



ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE EMPREGO DE DEFICIENTES VISUAIS
IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social



CAO CENTRO ACTIVIDADES OCUPACIONAIS

Av. João Paulo II, Lt. 5.25, 1º
Bairro do Condado
1900-726 Lisboa

Telefone: 21 831 07 60

Fax: 21 831 07 69

E-mail: info@apedv.rcts.pt

<http://www.apedv.rcts.pt>

CAO CENTRO
ACTIVIDADES
OCUPACIONAIS





ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE EMPREGO DE DEFICIENTES VISUAIS
IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

A **APEDV** é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, reconhecida como pessoa colectiva de utilidade pública.

Foi criada em 1980 e desde então, tem vindo a desenvolver uma actividade que visa promover o emprego a pessoas com deficiência visual.

Sem fins lucrativos, conta com subsídios de organismos estatais, donativos de entidades públicas e privadas e ainda com o contributo da comunidade, manifestamente insuficiente..

Na sua sede dispõe de um Centro de Formação Profissional e um **Centro de Actividades Ocupacionais (CAO)**, onde são formadas e apoiadas pessoas com deficiência visual e multideficiência, a partir dos 18 anos.

ONDE ESTAMOS
onde estamos

Av. João Paulo II, Lt. 5.25, 1.º
Bairro do Condado
1900-726 Lisboa

Telefone: 21 831 07 60

Fax: 21 831 07 69

E-mail: info@apedv.ircts.pt

Horário

Dias úteis: 9.00h - 17.00h



QUEM SOMOS

quem somos

Uma equipa de profissionais empenhada em apoiar pessoas com deficiência visual

- a) e idade avançada
- b) e multideficiência

O QUE FAZEMOS

o que fazemos

Através de um programa de reabilitação específico e individualizado:

- desenvolver actividades ocupacionais socialmente úteis que permitam uma valorização pessoal mantendo as pessoas com deficiência activas
- promover o desenvolvimento da autonomia pessoal e social
- reabilitar as capacidades a todos os níveis de forma a assegurar uma integração social mais facilitada
- apoiar e encaminhar as famílias dos utentes, mobilizando recursos que lhes permitam superar as dificuldades
- conjugar esforços com serviços existentes na comunidade



ANEXO C

Lista dos elementos do grupo

OFICINA DE TEATRO – 2008/09 – Prof. Maria José

<p>Jerónimo Lavado 67 anos</p>	<p>Capacidade visual: nula Cegou com cerca de 60 anos devido à diabetes. Fez um by passe com 49 anos. Não tem contra indicações para a frequência da natação moderada</p>	
<p>Maria Paula Viegas 69 anos</p>	<p>Capacidade visual - 5% (vê vultos) Tem vindo a cegar devido a retinopatia pigmentar (hereditário) Tem insuficiência cardíaca no ventrículo esquerdo, sem contra-indicações para a prática da natação moderada</p>	
<p>Marco Paulo Viana 29 anos</p>	<p>Capacidade visual: vê com alguma definição embora tenha visão lateral Sequelas de encefalopatia Atraso cognitivo ligeiro Agnosia visual, Epilepsia</p>	
<p>José Maria Oliveira 36 anos</p>	<p>Capacidade visual: Vê sombras, vultos com alguma definição, cores, luzes Quando bebé esteve demasiado tempo na incubadora o que provocou danos irreversíveis</p>	
<p>Rui Cardoso 34 anos</p>	<p>Capacidade visual: Vê sombras, cores, luzes e vultos A mãe teve varicela ao 6º mês de gravidez . O Rui fez uma encefalite aos 3 anos e ficou com sequelas ao nível do desenvolvimento geral, quer cognitivo quer funcional</p>	
<p>José Carlos Rodrigues 41 anos</p>	<p>Capacidade visual: vê algumas formas mas sem grande definição, luz, cores A sua cegueira é de nascença não tendo sido diagnosticada uma causa específica</p>	
<p>Alice Carvalho</p>	<p>Capacidade Visual: Vê bastante apresentando apenas dificuldades na visão lateral Causas: Retinopatia Pigmentar e tratamentos de Quimioterapia</p>	
<p>Sara Sofia Soares 28</p>	<p>Capacidade Visual: vê bastante Causas: Rubéola da Mãe com 6 meses de gravidez Apresenta dificuldades na dicção</p>	
<p>Maria Cristina Matos 39 anos</p>	<p>Capacidade Visual: nula Cegueira congénita e cataratas. Foi operada à fenda palatina o que veio trazer sequelas a nível cognitivo</p>	
<p>Armindo Amaral 67 anos</p>	<p>Capacidade visual: Nula Cegueira congénita. Reformado da Fundação Raquel e Martin Sain</p>	

ANEXO D'

MIX-INFANTIL

Maria Paula (avozinha)

Música: “Ó Laurinda Linda, Linda”

Marco – Lobo Mau

Música: “Ó Ladrão, Ladrão, Ó Ladrão Maldito”

Alice (Narrador)

Música: Fado Hilário

I parte

***A história que eu vou contar
Há muito alguém inventou
De uma jovem que foi salva
Pelas mãos de um lenhador***

***A mãe mandou, descansada
A filha à casa da avó
A menina lá perdeu
Quando olhou não estava só.***

***O lobo a encantou
Numa conversa mimada
Dos perigos a visou
E ela seguiu pela estrada.***

Armindo toca o raspa – primeira parte

TRUZ TRUZ TRUZ*

Quem é que bate a essa porta
Qu’eu não consigo ir abrir
Que entre que venha aqui
Ao meu quarto de dormir.

Minha mãe mandou
Que viesse aqui
Trago um cestinho
Com mimos prá ti.

Ó minha querida netinha (bis)
Que bem tu me vens fazer
Há 3 dias estou doente
Sem nadinha p’ra comer.

Aqui está a cesta
Com muitos bolinhos
Está cheia de festas
E muitos carinhos.

Bergantim

Dá-me cá a tua mão (bis)
Que te quero abraçar
O meu pobre coração
Nem sei se vai aguentar

Olha lá ó velha
Se estás doentinha (bis)
Tenho o remédio
Nesta barriguinha (bis)

Ai que pouca sorte a minha (bis)
Que destino malfadado
Em vez da minha netinha
É um lobo esfomeado.

Mas a mim não vais papar (bis)
Sou mais esperta do que pensas
Pois não m'irás encontrar
No cantinho da despensa.

Coitada da velha
Que desapareceu (bis)
Deitado na cama
Fico agora eu.

Armindo toca o raspa – primeira parte

II Parte

***O pobre lobo coitado
Que só pensava em comer
Mal sabia ele agora
O que lhe ia acontecer.***

Zé Maria – um dos 3 porquinhos
Música: “Ah! Ah! Minha machadinha!”
Marco – Lobo Mau
Música: “Ó Ladrão, Ladrão, Ó Ladrão Maldito”

Mas há tanto tempo
Estou aqui deitado
Vou sair daqui,
Que estou esfomeado.

Tenho 3 porquinhos
E 7 cabritinhos
P'ra poder trincar
Com estes dentinhos.

TRUZ TRUZ TRUZ*

Quem é que
Está a bater á porta (bis)

Sou eu, sou eu
Pra falar contigo (bis)
Se abrires a porta
Ganhas um amigo.

Um lobo amigo eu cá nunca vi (bis)
Vai-te já embora pira-te daqui.

Ai não queres abrir
Mas eu vou entrar
Uma assopradel.* a casa vai ao ar.

Ajuda-me ó meu irmão
Anda aí o lobo que é comilão.

(Juntam-se)

TRUZ TRUZ TRU*

Quem é que está a bater à porta? (bis)

Sou eu, sou eu
P'ra falar contigo (bis)
Se abrires a porta ganhas um amigo.

Um lobo amigo eu cá nunca vi (bis)
Vai-te já embora pira-te daqui.

Ai não queres abrir
Mas eu vou entrar (bis)
Duas assopradas* a casa vai ao ar.

Ajuda-me ó meu irmão
Anda aí o lobo que é comilão

(Juntam-se)

TRUZ TRUZ TRUZ*

Quem é que está a bater à porta? (bis)

Sou eu, sou eu
P'ra falar contigo (bis)

Se abrires a porta ganhas um amigo.

Um lobo amigo eu cá nunca vi (bis)
Vai-te já embora pira-te daqui.

Ai não queres abrir
Mas eu vou entrar (bis)
Com 3 assopradas* vai a casa ao ar.

Ah! Ah! Ah! Tens que ter cuidado
Que a nossa casa também tem telhado.

Mas que boa ideia ó-la-ri-ló-lé (bis)
Vou entrar agora pela chaminé.

Ah! Ah! Ah! Mas que bem pensado (bis)
Vais ficar com o **rabão todo chamuscado***

Eles não me enganam
Eu sou muito esperto
Com os cabritinhos
Isto vai dar certo.

Armindo toca o raspa – primeira parte

III parte

***Não há na vida uma dor
Maior que esta de perder
A fome volta a atacar
O lobo vai ter que comer.***

Cristina – D.Cabra – “Ó rosa arredonda a saia”
Rui – Um dos sete cabritinhos – “As Pombinhas Da Catrina”
Música: “Ó Ladrão, Ladrão, Ó Ladrão Maldito”

Filhos ó meus filhinhos
A todos quero avisar
Que a mãezinha vai sair
E não se vai demorar.

Mas Mãezinha diga lá
P’ra ficar-mos a saber
Se o lobo vier cá
O que temos que fazer.

Se o lobo aqui bater
Não se deixem enganar
Pois quando for a mãezinha

As patinhas vou mostrar.

Mãezinha vá descansada
Faremos o que mandou
Se o lobo cá vier
Ele vai ver o que lhe dou.

Se todos se comportarem
E ouvirem os meus recados
a mãezinha vai trazer
muitos, muitos rebuçados.

Ora vamos ver
Que sorte é a minha (bis)
Com estes filhinhos da D.Cabrinha.

TRUZ TRUZ TRUZ*

Quem bateu à nossa porta
Quem é que está para vir
A mãezinha é que não foi
Qu'ela acabou de partir.

Sou eu, sou eu
A vossa mãezinha (bis)
Que voltei atrás buscar a sombrinha.

A mãezinha tu não és
Tens uma voz de trovão
Aqui tu não pões os pés
És um lobo comilão.

TRUZ TRUZ TRUZ*

Mas a minha voz
É de cotovia (bis)
Com este meu canto
Vos adormecia.

Tu voz é bem bonita
Tua voz é mesmo franca
Mas seés a nossa mãe
Mostra lá a pata branca.

Agora foi boa
Esta não esperava
De pintar as patas
Como a D. Cabra.

Vejam lá agora
Só esta brancura
Nas minhas patinhas
Cheias de ternura.

TRUZ TRUZ TRUZ*

E agora parece ela
Que acabou de chegar
Vou espreitar **nesta janela***
Para me certificar.

Com esta conversa
Eu fui iludido
Era tudo treta
Não há cabritinho
Só me resta a neta
Mais o seu cestinho.

Armindo toca o raspa – primeira parte

Que bela caminha
Para descansar
A minha comida,
Está quase a chegar.

Armindo toca o raspa –primeira parte

IV parte

Mais uma vez enganado
O lobo não comeu nada
Tinha o destino traçado
O Capuchinho restava.

TRUZ TRUZ TRUZ*

A fazer ÓÓ!
Fico disfarçado
Chega aqui netinha
Vem para meu lado.

(Música “Naquela linda manhã!”)

Ó minha querida avó
Sou eu a tua netinha
Trago-te um pão-de-ló
Dento da minha cestinha
Eu sei que tu vais sorrir

E os olhos luzir
Vais ficar melhor
Mas porque me olhas tanto
Porquê tanto espanto
Que estranho temor.

Não valeu de nada
Esta grande boca
Deixou a menina
A gritar de louca.

(GRITO)

Jerónimo Lenhador
Música: “Atirei o pau ao gato”

Ai agora meu malandro
Vais apanhar
Uma bela sova.*

(Todos com a música, “Atirei o pau ao gato”)
A menina/na
Assustou-se/se
Tu vais ter
Tu vais ter
O castigo

***E agora aqui na floresta
Acabaram-se os castigos
Vamos fazer uma festa
Só vão existir amigos.***

*- A verde, efeitos sonoros!!!!!!!!!!!!

ANEXO G'

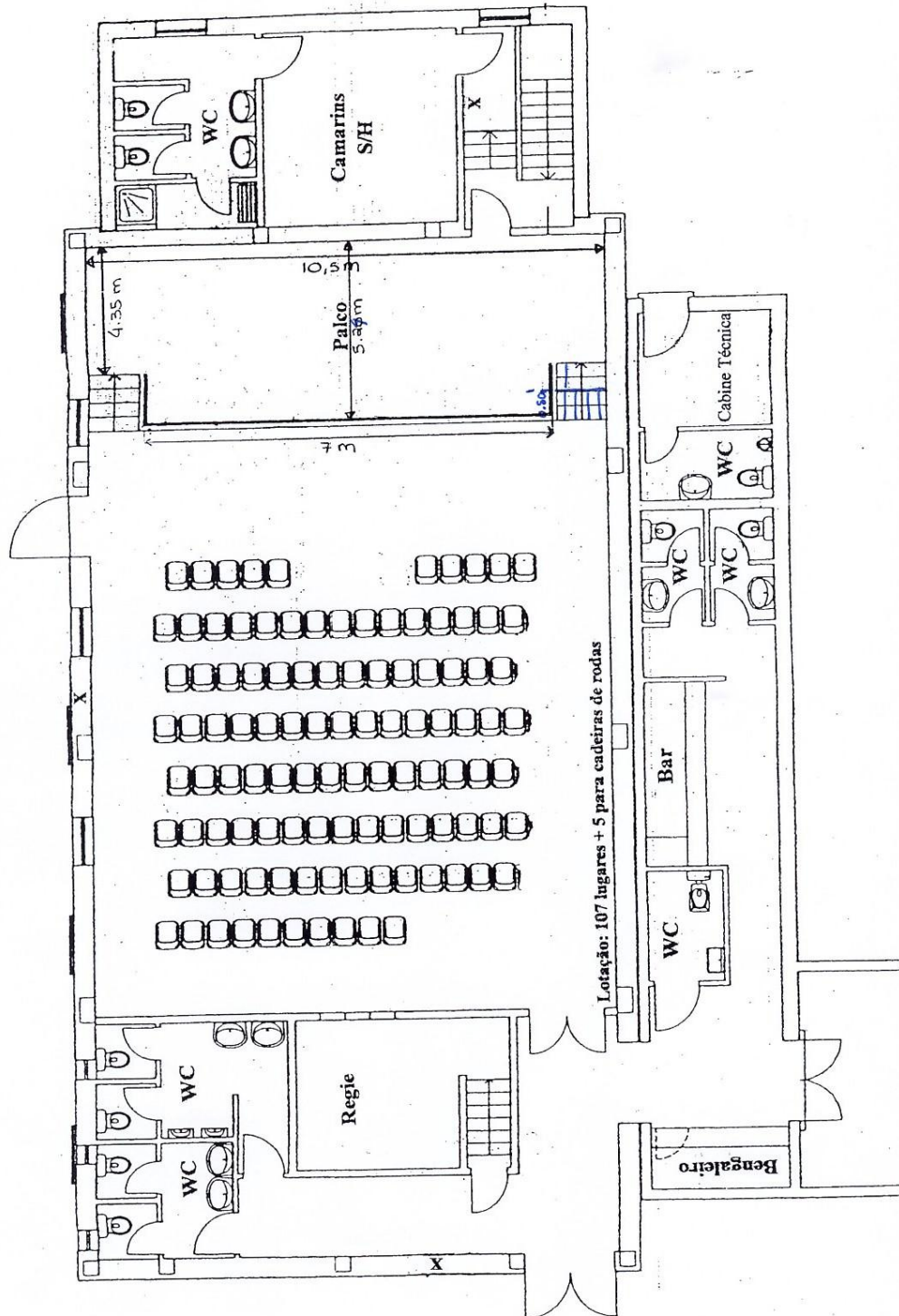
QUADRO SINTÉTICO Características das personagens

Personagens	Caracterização	Locais na Cena	Figurino/ /Adereços
ROSA MARIA <i>“Rosa enjeitada”</i> <i>Andas a brincar comigo!</i> <u>Cristina</u>	22 anos, filha da D. Júlia; é muito recatada; sofre ainda com desilusão amorosa que teve no passado; muito “protegida” pela mãe.	Passa horas no parapeito da janela de sua casa (dá para um pátio!).	Gosta de fazer crochet .
CHICO <i>“A Rosa e o Chico”</i> <i>“O namorico da Rita”</i> <u>José Maria</u>	25 anos; Pescador, pobre. É rejeitado e discriminado pela maioria dos seus vizinhos; ninguém lhe auspícia bom futuro.	Arranja as redes e organiza o seu trabalho no pátio, onde está sempre a observar a sua amada.	Redes de pesca ; figurino alusivo à sua profissão .
RITA / Peixeira <i>“A Rosa e o Chico”</i> <i>“O namorico da Rita”</i> <u>Alice</u>	28 anos; peixeira. Muito ambiciosa, anseia mais que tudo ascensão social e económica. Tem uma cumplicidade de geração com o Chico; são parceiros de fado!	Circula pelo pátio e pela taberna, nos intervalos da sua venda.	Traje alusivo à sua profissão ; canastra com peixe .
VASCO <u>Marco</u>	25 anos. De família com posses; o eterno estudante (nunca mais acaba o curso!); entrega-se ao vício do álcool e ao sonho de escrever letras de fados!	Local preferido a taberna da D. Júlia.	Capa de estudante .
ARMANDINHO <i>Minha guitarra querida</i> <i>“Canção de Lisboa”</i> <u>Jerónimo</u>	O guitarrista cego; pacato, embora faça a corte à D. Júlia, a sua paixão é a guitarra	Na soleira da taberna da D. Júlia.	Guitarra .

<p>TONINHO <i>"Marujo de Lisboa"</i> <u>Rui</u></p>	<p>23 anos; marinheiro de longo curso, a sua vida é andar de porto em porto.</p>	<p>Passa os dias, quando está em terra, a deambular, à espera da hora de partir.</p>	<p>Sempre fardado, como se fosse embarcar; costuma trazer o seu saco de viagem.</p>
<p>D.JÚLIA <i>"Júlia florista"</i> <u>M^a Paula</u></p>	<p>Mulher sofrida, mas não amargurada; ficou viúva ainda com a filha bebé, desde aí trabalha arduamente para que não falte nada à Rosa M^a. Gostava que a sua menina casasse com um homem de posses, por isso não vê com bons olhos o "namorico" com o Chico.</p>	<p>Entre a lida na taberna e o seu "lugar" de flores no mercado.</p>	<p>Objectos das suas tarefas – taberna e flores.</p>
<p>MARCENEIRO <i>"O marceneiro"</i> <u>José Carlos</u></p>	<p>No passado teve uma paixão, não correspondida, pela D.Júlia.</p>		<p>Trabalha de porta aberta para o pátio.</p>

ANEXO K'

AUDITÓRIO FERNANDO PESSA



ANEXO M'

Bergantim



ENTRADA DO PÚBLICO

Música nº1 : - *Bergantim* (,)

Quando o público estiver todo sentado, a música vai descendo lentamente!

Desce luz da sala; entra música.

Música nº 2: António Chainho – Variações em mi menor (2,58)

CENA I

Ainda com a cortina fechada.

*(Em voz-off; texto dito por **Cristina Paiva** – Andante)*

*Pregões de Lisboa – **Euclides Cavaco***

Mal rompeu a madrugada

Já Lisboa era acordada,

Com seus pregões matinais,

Pela Varina Peixeira

Lá p'ros lados da Ribeira,

Ou o Ardina dos jornais.

A Rita da Fava-rica

Que vem do Bairro da Bica

Traz pregões à sua moda

E o homem das cautelas,

Diz p'las ruas e vielas,

Amanhã é que anda à roda

Apregoa-se a castanha,

Desde o Rossio ao Saldanha,

Bergantim

E os pregões são sempre assim
Flores na Praça da Figueira
E diz cada vendedeira
Ó freguês! Compre-me a mim!..

E de canasta à cabeça,
Quase até que anoiteça,
Há em mil bocas pregões,
Mas não se vê passar,
A figura popular
Da Rosinha dos Limões

Dito o poema e quando a música atinge a 2ª sequência rápida, abre a cortina!

Não pára a música, liga com a cena seguinte.

CENA II

Pregões assim que a música anterior acabar e até que a música seguinte atinja o tempo marcado.

RITA

- Ó freguesa desça abaixo!
- Olha a sardinha é vivinha da costa!
- Há carapau e sardinha linda!
- Há carapau fresquinho, olha o carapau para o gato!

Música nº 3: Amália Rodrigues - Namorico da Rita (2,25) (30')

Rita e Chico encontram-se.

RITA - Então Chico? Já de volta das redes?

CHICO - Sabes como é a vida de pescador...

RITA - Uma vida muito triste...

CHICO - Não digas isso... é uma vida abençoada... o mar é o meu sustento... se não fosse o mar...

RITA - Se não fosse o mar Chico, se calhar tinhas ido estudar e hoje não estavas para aí a coser redes....

CHICO - Mas não é só a estudar que se aprende Rita... o mar dá-nos grandes lições...

RITA - Lá nisso, tens razão... mas não hei-de aprender só com o mar... um dia.

CHICO - Porque sonhas tanto Rita... acorda... bem sabes que a minha vida és tu... bem sabes quanto o mar nos une... eu sou pescador, tu és peixeira... que mais queres tu Rita?

RITA - Tenho a vida escrita nesta canasta Chico, e um dia vou lê-la, vais ver...

Rita, afasta-se.

Pregões assim que a música anterior acabar e até a música seguinte atingir o tempo marcado (31').

RITA

- Olha a sardinha é vivinha da costa!

- Há carapau e sardinha linda!

- Há carapau fresquinho, olha o carapau para o gato!

Rita “esbarra” com Vasco.

Música nº 4: _____ - Estudante (3,24) (31')

RITA – Ora viva senhor Vasco... bons olhos o vejam.... Então a noite ontem já não se lembra de nada? ...mas hoje está muito elegante... não me diga que hoje vai á faculdade?!

VASCO - Bom dia...estou muito bem obrigado.... Estou muito elegante? Muito obrigado! E a menina Rita já vai para a praça...

Bergantim

RITA - Eu ia, mas não era para a praça...

VASCO - Não me diga que também queria ser estudante?!

RITA - Ora bem sabe que não estudei porque não me puseram na escola, mas sei dar valor a quem estuda como o Vasco...

VASCO - Ora eu sou um homem muito simples, nunca quis ser doutor, mas a vida deu-me este fado...

RITA – Fado é sorte Vasco, mas um dia há-de ser um verdadeiro doutor e então é a mim... e a todo o bairro que sai a taluda!

VASCO - Ora menina Rita deixe-se de coisas... não há nesta rua varina mais gentil do que a menina...

RITA - Mentiroso... a troçar de mim.

Rita afasta-se e sai para a lateral esquerda, se a música ainda não tiver acabado, vai dizendo uns pregões.

Vasco dirige-se à taberna.

CENA III (SEPARADOR 1)

Música nº 5: Rapsódia de Fados (3,22)

Entram em cena apregoando a “Fava-Rica”, e fruta e/ou hortaliça, Berta e Adozinda respectivamente.

Encontram-se ao centro/baixo do palco; desce música, que ficará até ao fim.

ADOZINDA – Então Berta, não te tenho visto na rua?

BERTA – Tenho estado adoentada... da ciática....

ADOZINDA – Olha que os fregueses estão fartos de me perguntar por ti...

BERTA – Eu imagino... mas não tenho tido paciência para arranjar a panela de fava-rica.

ADOZINDA – Ó mulher tens que arribar... não vês a Júlia Florista... tens que fazer como ela...

BERTA – Mas eu não sou assim Dozinda... não tenho a genica dela.

ADOZINDA – Mas tens que ter... olha que ela criou a filha praticamente sozinha... tirou-a da banca da praça só para a proteger e agora tem-na em casa como uma

princesa... não lhe falta nada... farta-se de trabalhar mas não deixa faltar nada á filha...

BERTA – Mas a pobrezinha sofre de amor... o marinheiro deixou-a toda a gente sabe disso ... é por isso que está em casa.

ADOZINDA - Mas a Júlia não quer saber do que dizem...ela é que faz bem... já se diz que anda a fazer-lhe o namoro com o Toninho, o Marujo...

BERTA – Ai sim?

ADOZINDA – Sim, porque o Chico, de que a rapariga, a Rosa Maria tanto gosta, morre de amores pela Rita...

BERTA – E a Rita gosta do Chico?

ADOZINDA – Anda a iludi-lo... mas ela gostava muito dele até aparecer o Vasco.

BERTA – O Vasco? O que vai ser doutor?

ADOZINDA - Sim, esse mesmo... dizem por aí, que a Rita lhe anda a fazer a cama, porque lhe cheira a futuro melhor... e o Chico não passa de um pescador...

BERTA – Mas, ela já não é nova... se não se despacha já ninguém a quer...

ADOZINDA – Ela é muito esperta sabe bem o que anda a fazer... olha lá está a ela a falar com o Chico...

BERTA – Descarada ... àquilo, já a mãe não diz nada! ... Só quando o Chico se abeira da filha é que faz aquele espectáculo...

ADOZINDA – Aqui na rua já não engana ninguém só mesmo a Júlia Florista lhe dá conversa...

BERTA – A Júlia é uma mulher experiente se ela aprendesse com ela fazia-se uma mulher.

Saem apregoando; cruzam direcções anteriores e saem pelas laterais; continuam a apregoar nos bastidores, até que a música acabe.

CENA IV

Música nº 6: Júlia Florista (2,26) (1,02')

Júlia varre entrada da taberna.

Rita entra em cena a apregoar peixe, até a música descer no tempo marcado.

RITA – Bom dia Senhora D. Júlia.

JÚLIA – Bom dia Rita... a esta hora?

RITA – Ó tia Júlia o peixe é pouco, estive á conversa com o Chico... sabe que mais...
estivemos a falar de si...

JÚLIA – De mim? E de quê?

RITA – Ora... dissemos que a senhora quando era nova cantava o fado como se fosse
um pregão e era figura de proa.

JÚLIA - Belos tempos, quando eu tinha a tua idade... a Ribeira parava para me ouvir
cantar... o fado dava-me alento...

A música vai desaparecer, pois segue-se canção “ao vivo!”

RITA - Cante lá um bocadinho...

JÚLIA – *(canta o fado da varina)*

RITA – Cantava e ainda canta, que maravilha...

JÚLIA – Chega de conversa rapariga que eu não tenho a tua vida... Não tarda está aí
o Vasco para matar-bicho.

RITA - Já hoje estive com ele.

JÚLIA – Ó Rita... mas afinal de quem é que tu gostas, do Chico ou do Vasco?

RITA – Ora... gosto dos dois...mas o Vasco é um bom partido vai ser doutor vai fazer
de mim uma senhora.... Mas mudando de conversa... e a sua Rosa?

Música nº 7: - Rosa Enjeitada (3,22) (1,20)

***Música da Rosa entra baixinho; depois da 1ª frase de Júlia sobe, fica um
momento e volta a descer ficando como música de fundo até cena seguinte!***

JÚLIA - Lá está em casa, bordando e pensando nos amores que o mar levou...
gostava tanto de a ver casada ... olha o Toninho é que dava um bom marido, até
podia levá-la por esse mar fora... conhecer o mundo...

Ai a minha Rosa! Coitada...

Rosa triste, vai trauteando a música!

Júlia desce ao público, atravessa o palco e sobe na direcção da filha; sente o sofrimento da filha.

CENA V (SEPARADOR 2)

Entram em cena apregoando a Fava-Rica, Berta e depois a fruta e hortaliça, Adozinda e Berta.

Música nº 8: - *Rapsódia de Fados (3,22) toda*

ADOZINDA – Então Berta, estás melhor?

BERTA – Cá vou... já me sinto um pouco melhor... hoje tenho mesmo que ir ali ao cemitério à campa do meu Jacinto levar estas flores, que já não vou lá há uma semana e já andam aí falatórios...

ADOZINDA – Ai mulher mas quando é que te deixas disso... há mais de 15 anos qu'ele se finou...

BERTA – Pois foi... mas eu não sou como algumas... que mal enterram os maridos... (aponta para a Júlia) preto nem vê-lo e o lenço e as meias, no mesmo...

ADOZINDA – É uma e pouca vergonha! ... e o Armandinho... não sei que graça viu naquela mulher... estragou-lhe a vida... mas anda sempre de volta dela...

BERTA – Sabes ele é cego... dos olhos e de amor por ela ...

ADOZINDA - E ela faz dele capacho... toma-lhe conta da taberna... diz ela que vai levar as flores á rapariga que tem na praça... tem lá umas flores qu' é uma miséria...

BERTA – Sabe-se lá por onde ela anda...

ADOZINDA – É por isso que a Rita não sai lá de casa... são as duas iguais...

BERTA – Ela deve lá ir para se encontrar com o Vasco...ele está sempre lá nas cantorias com o Armandinho... nem sei quando é que estuda.

ADOZINDA - Ele quer lá estudar... não lhe custa a ganhar... nasceu com o traseiro virado para a lua...

BERTA – Bem... deixa-me lá ir que ainda tenho que passar na igreja...

Saem apregoando e mesmo do início da cena continuam nos bastidores, até a próxima música começar.

CENA VI

Música nº 9: *Guitarra Triste* (2,50) (1,15)

JÚLIA - Estas raparigas não sei que pensam da vida... Esta Rita saiu-me cá uma bisca... a mãe dela quando souber disto então é que faz tremer toda a Ribeira...ouviste isto Armandinho?

ARMANDINHO - Ó minha querida Júlia deixa lá... isso é próprio da juventude!

JÚLIA – Armandinho tanto que sofreste e não consegues ver maldade nesta rapariga.

ARMANDINHO - Eu sei bem dar o valor a esta juventude... também já passei por isso...

JÚLIA – Mas contigo foi diferente... tu não vês que ela anda a dar cabo da vida ao Vasco.

ARMANDINHO - Mas ela é bela e jovem...gosta de trazer os rapazes atrás dela.

JÚLIA – És capaz de ter razão... desde que cegaste que vês tudo com o coração...

ARMANDINHO - Anda por aí muito boa gente, com bons olhos, que ainda vê menos que eu...

JÚLIA - Mas não é o caso da Rita, quem a enganar tem que ter quatro, que dois tem ela ... Pobre rapaz... andam as tias apagar-lhes os estudos e nem sabem da missa pela metade... olha lá vem ele...pobre rapaz!

Início da música, à deixa, ...pobre rapaz...

Música nº 10: *Estudante* (3,23) (31') - só até á primeira vez a palavra estudante...

Vasco aproxima-se e vai falar coma Júlia.

JÚLIA - Boa dia Vasquinho...

VASCO - Ora viva Tia Júlia...vamos então ao mata-bicho...

JÚLIA - Tenho ali uns pastelinhos de bacalhau que acabei de fritar...

VASCO - Está certo mas para preparar o bucho pode ser um dedal daquela pequena maravilha....

JÚLIA - O Vasco mas tu não podes beber em jejum... come primeiro.

VASCO - A senhora é como uma mãe para mim...

JÚLIA - Pois sou... mas olha que filhos só tenho uma... a minha Rosa Maria.

VASCO - Um verdadeira Rosa a sua filha... não a tenho visto...

JÚLIA - Lá está em casa... pobrezinha.... Só desgostos de amor... primeiro o marinheiro que o mar lhe levou... agora o Chico que a faz suspirar atrás da janela e a ela nem percebe que ele só tem olhos para a Rita...

VASCO - A Rita? A que é peixeira? É uma moça muito gentil...

JÚLIA - Foge dela Vasco que ela dá cabo da tua vida....

VASCO - Ó Tia Júlia ela é boa rapariga, fala pelos cotovelos... é alegre, faz-me rir!

JÚLIA - Vê lás se um dia não choras...

Júlia entra na taberna com Vasco; serve-o à mesa juntamente com Armandinho; saboreiam a “branquinha” acompanhada de uma filhós!

Júlia vai arranjar as flores para levar para à Praça.

Vasco e Armandinho permanecem na taberna!

CENA VII

Música nº 11: *Variações em Mi (6,02) - toda*

Júlia arranja flores.

(Pregões durante a música:

Concreto – Amolador, Ferro-Velho e Petrolino

Manecas – cautelas e jornais.

Aos 4,40´, Júlia pega no cesto das flores e vai á Praça, mas antes dirige-se ao Armandinho)

JÚLIA – Ó Armandinho deita-me aqui um olhinho á Tasca que eu vou levar as flores à rapariga que já deve estar pelos cabelos à minha espera lá na praça...

ARMANDINHO – Vai descansada Júlia..

VASCO - Ó Tia Júlia vá descansada que eu faço companhia ao Armandinho e nós tomamos conta das tasca.

Júlia desce de novo ao público e distribui flores pela primeira fila;

Música nº 12 : Marujo (2,30) - (1,10)

sobe e vai até onde está o marujo, trava conversa com ela falando, intencionalmente, da sua filha Rosa Maria.

JÚLIA - Olha o nosso marujo... bom dia!

TONINHO - Bom dia Senhora D. Júlia... como tem passado...

JÚLIA - Cá vou indo... como Deus quer...

TONINHO - E a família como tem passado?

JÚLIA - A minha Rosa? Não sei que tem... anda distante...

TONINHO - Não me diga que a Rosinha se foi embora...

JÚLIA – Ela não, mas o coração dela há muito que está no mar...

TONINHO – No mar, como assim?

JÚLIA - Nas ondas do mar... a minha Rosinha já não tem lugar aqui... só sonha com o mar... olha Toninho é ela e eu...

TONINHO - Nem me fale do mar senhora D. Júlia... não há vida como a de um marinheiro... é uma vida de saudade é verdade mas não há vida como a do mar...

JÚLIA - Pois é Toninho o mar leva e traz tanta coisa... e eu, que hei-de morrer sem pôr os pés num desses barcos que fazem viagens para longe... como o teu.

TONINHO - Um dia Senhora D. Júlia, quando eu for o comandante daquele navio, hei-de levar a senhora e a menina sua filha numa viagem...

JÚLIA – Ai!!! Toninho leva a minha Rosa que a mim já me basta ver isso para morrer feliz...

CENA VIII

Música nº 13: No Bairro da Madragoa (2,46) (27')

Toninho “mete” conversa com Rosa Maria.

TONINHO - Bom dia menina Rosa, tão cedo á janela...

ROSA - Bom dia Toninho... gosto de apanhar o ar fresco da manhã.

TONINHO - É como a brisa do mar... que beija esse teu rosto...

ROSA - Que lindas palavras menino Toninho até já me estou a imaginar num barco em alto mar...

TONINHO - Prometi á senhora sua mãe um dia levá-las numa viagem...

ROSA - A minha mãe o que te disse?

TONINHO - Riu-se... pediu-me que levasse a Rosinha...

ROSA - Eu... quem sabe senão estou destinada mesmo ao mar... já me arrancou o coração duas vezes, quem sabe um dia também lhe deixo o meu...

TONINHO – Quem sabe...

Música nº 14: Eu gosto de um Marinheiro (3,06) – toda

Início da música a “...coração duas vezes,”.

Toninho e Rosa Maria dançam juntos; anunciando um futuro a dois.

No final da dança ficam de costas voltadas para o público.

CENA IX

Música nº 15: Variações sobre uma dança popular (1,53) toda várias vezes)

(Em voz-off, **João** - Profº de Informática);

Vamos sabendo o que aconteceu às diferentes personagens num futuro não muito distante!

Cada personagem executa alguma movimentação, quando está a ser mencionada no texto; vão ficando alinhados, de frente para a plateia.

A Júlia Florista

Que sempre foi bairrista

Bergantim

Ao Mar entregou
Sua Rosa enfeitada
Filha abençoada
Que o Marujo encantou

Mas a rapariga
Estava arrependida
Não era dele que gostava
Porque há hora da partida
Ainda há quem diga
Que a pobre soluçava

A espuma branca do mar
Que o Marujo fez sonhar
Deixou de ser fantasia
A cor branca e sedosa
Daquela Rosa formosa
Seria a sua Rosa Maria

O Chico pescador
Coseu nas redes sua dor
Nunca mais se apaixonou
A guitarra triste calada
Passou a ser sua amada
Ao fado se dedicou

Armandinho velho amigo
Passou a ter consigo
Aquele jovem pescador

Que cantava para esquecer
O que nunca quis dizer
Daquele seu grande amor

É naquela cadeira triste
Que a tudo isto assiste
Armandinho fadista
No seu coração trancado
Estava para sempre guardado
A sua Júlia Florista

A Rita que era Peixeira
Sempre foi namoradeira
Deixou as tamanquinas
E deu a volta ao estudante
Passou a figura importante
Na Casa da Mariquinhas

O audaz conquistador
Lá chegou a doutor
O vício que o fez cantar
Deixá- lo agora não podia
Pois só ele alivia
O que a Rita o fez penar

Dos pregões matinais
Pelas ruas e quintais
Pouco ou nada hoje nos fica
A Berta guardou a panela

E aquilo que resta dela
Já não se vende fava-rica

Vendedeira de fruta
Latina e astuta
Mulher que ficou na história
Era a Dozinda da hortaliça
Que até metia cobiça
Ainda a temos na memória

Ferro velho ferro novo
Era o que pedia o povo
Com muita arte e engenho
O Concreto apregoava
Quase tudo consertava
Dava gosto o desempenho

Taludas e cautelas
P´ra quem acredita nelas
É o Manecas que apregoa
Jornais e outras coisas mais
Entre suspiros e ais
Ainda se ouvem em Lisboa

E porque a vida é um pregão
Lançado ao coração
Que alguém olhe por nós
Á rua que abençoa

Mas também amaldiçoa

Todos pedem em viva voz

Fecha cortina.

FINAL

Música nº 16: *O amor é louco (2,49) - toda*

Todos alinhados, agradecem. Cantam, por cima da música!

Atiram ao público flores de papel (feitas por eles!).

ANEXO N'

O grupo de teatro **TocÓPalco**, do Centro Actividades Ocupacionais da APEDV, em parceria com o grupo de utentes do Centro Social Paroquial S. Maximiliano Kolbe- Lisboa

Dia 18 de Maio de 2010

15:00horas

apresenta

Auditério Fernando Pessa



A Bergantim



“Bergantim é uma [embarcação](#) que levava trinta remos e era utilizado como elemento de ligação, exploração, como auxiliar de armadas ou em outros serviços do género. Era um navio escolhido pelos reis, e grandes senhores, para sua utilização em cerimónias”

Sinopse:

Lisboa antiga pode ser apenas uma viela, uma casa onde cada coração faz coro com a vida na rua, os amores e desamores, as tricas e intrigas, os pregões... Cada rosto é um poema, cada voz um verso porque a vida é um pregão lançado ao coração... à rua que abençoa mas também amaldiçoa... todos pedem em viva voz!

Ficha técnica e artística:

Ideia original Filomena Costa e Maria Luiz; Encenação e direcção de actores Filomena Costa e Maria Luiz; música Escolha do Toc’Ópalco; Sonoplastia Maria Luiz; Desenho e mesa de luz Álvaro Cenografia Figurinos Execução de adereços, Ana Martins e Alzira Moreira Captação de imagem vídeo João Braga e MEF

Interpretação Cristina (Rosa M^a), Zé Maria (Chico); M^a. Paula (Júlia Florista), Jerónimo (Armandinho); Marco (Vasquinho), Alice(Rita); Rui (Toninho); Lurdes (Berta), Delminda (Dozinda); Lourenço(Concreto), Sara (Manecas);

Agradecimentos / Participações especiais: Susana Nogueira; Cristina Paiva; Fernando Ladeira; Rádio Amália;

Apoios e divulgação do espetáculo:

BERGANTIM

Apresentado p' lo **Toc'Ópalco**, grupo de teatro do Centro Actividades Ocupacionais da APEDV,
em parceria com o grupo de utentes do Centro Social Paroquial de S. Maximiliano Kolbe

Dia 17 Dezembro pelas 15:00h
no auditório Fernando Pessa - Espaço Municipal da Flamenga - CML

3 Violas

Auditório Fernando Pessa

Mapa de Localização

Endereço: Espaço Municipal da Flamenga, Rua Ferreira de Castro
1900-697 Lisboa

Telefone: 218 311 220/2/9

Fax: 218 311 239

Acessos: Autocarros: 59, 68, 104, 208 | Metro: Bela Vista (Linha Vermelha)

7. BIBLIOGRAFIA

Martins, Bruno Serra. (2006). *E se eu fosse cego?* Coimbra: Edições Afrontamento.

Vasques, Eugénia. (2006). *João Mota, o pedagogo teatral.* Lisboa: Edições Colibri. Instituto Politécnico de Lisboa.

----- .(2008). *Fado, sempre! Ontem , hoje e amanhã!* Play Som e Imagem, Lda.

FILMOGRAFIA

Se podes olhar vê, se podes ver repara. Adaptação teatral, Ensaio sobre a cegueira de José Saramago. Rui Simões. Real Ficção. 2004. DVD.

8.ANEXOS II - ÍNDICE

- ANEXO A – FOTOS - ATIVIDADES VÁRIAS Dvd-1/2
- ANEXO B'
- ANEXO C'
- ANEXO D'
- ANEXO E – *MIX-INFANTIL*; E1 (FOTOS-SALÃO PAROQUIAL) E2 (VIDEO-SALÃO PAROQUIAL) E3 (FOTOS-ALTO DO MOINHO/SEIXAL) E4 (FOTOS-CENTRO PAROQUIAL) E5 (FOTOS-A SEGUIR À ESTREIA) Dvd-1/2
- ANEXO F – FOTOS - REFLEXÃO A SEGUIR AO *MIX-INFANTIL* Dvd-1/2
- ANEXO G'
- ANEXO H – FOTOS – IMPROVISAÇÕES Dvd-1/2
- ANEXO I – FOTOS E VIDEOS - CEM Dvd-1/2
- ANEXO J – FOTOS E VIDEO - CARNAVAL Dvd-1/2
- ANEXO K'
- ANEXO L – FOTOS - ENSAIOS NO SALÃO PAROQUIAL Dvd-1/2
- ANEXO M'
- ANEXO N'
- ANEXO O – FOTOS E VIDEO - 1º ENSAIO NO AUDITÓRIO FERNANDO PESSA Dvd-1/2
- ANEXO P – VIDEOS - ENSAIOS NO AUDITÓRIO FERNANDO PESSA Dvd-1/2
- ANEXO Q – FOTOS DA ESTREIA - "*BERGANTIM*" Dvd-1/2
- ANEXO R – FOTOS – À SAÍDA DO ESPETÁCULO; 2ª APRESENTAÇÃO Dvd-1/2

(') – Anexos com (') a seguir à letra constam do conjunto "anexo I", em formato papel.

9. DVDs – dvd 1/2 (Anexos); dvd 2/2 (Bergantim)